

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO SÓCIO ECONÔMICO

DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

ALANIA SIMIANO

A AIDS NA PERSPECTIVA DO DIÁRIO CATARINENSE (2004-2008)

DEPTO. SERVIÇO SOCIAL

DEFENDIDO E APROVADO

EM: / /


Rosana Maria Galo
Coord. de Estágio e TCC
Curso de Serviço Social/CSE/UFSC

FLORIANÓPOLIS
2009.1

ALANIA SIMIANO

A AIDS NA PERSPECTIVA DO DIÁRIO CATARINENSE (2.004-2.008)

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como requisito indispensável
à aprovação na disciplina Trabalho de
Conclusão de Curso – TCC, do Curso de
Serviço Social da Universidade Federal de
Santa Catarina- UFSC

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Teresa dos
Santos

FLORIANÓPOLIS

2.009.1

ALANIA SIMIANO

A AIDS NA PERSPECTIVA DO DIÁRIO CATARINENSE (2004-2008)

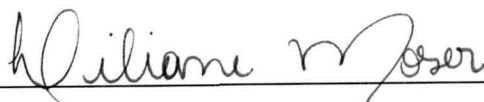
Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito para obtenção do título de Bacharel no Curso de Serviço Social, Departamento de Serviço Social, Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof^a. Dra. Maria Teresa dos Santos
Universidade Federal de Santa Catarina



1º Membro: Prof^a. Msc: Elizabeth Callado Oliveira Carreirão



2º Membro: Prof^a. Dra. Liliane Moser

Florianópolis, SC, julho de 2009.

*Dedico este trabalho de conclusão de
curso a todas as pessoas que
acreditaram em mim me apoiando e me
dando forças para chegar até aqui, o
primeiro passo de uma longa jornada.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço àqueles que acreditaram em mim, em especial as pessoas que não estão mais ao meu lado, que não puderam acompanhar o momento desta conquista, mas tenho certeza de que onde estão, vibram com este.

Minha Mãe Verônica, que depositou sua confiança e esperança, ouviu minhas lamentações, sempre me apoiou, deu força e coragem, mesmo nos momentos mais difíceis. É a ela que devo essa conquista.

Meu pai Sidnei, que também foi paciente e torceu por mim. A minha irmã Fabiana, que me deu apoio. Minha sobrinha Muryel, razão do meu viver.

Aos amigos que me acompanham desde quando morava em Bom Retiro, Fabiane, Fernando, a prova da mais sincera amizade, apoio, risadas, choros, caldo de cana, bailes que fomos e que deixamos de ir.

Ao meu namorado Nicolas, que me auxiliou e me deu exemplo de como estudar, que me acompanhou na coleta de dados, dando todo seu apoio.

Aos amigos que conquistei nessa longa jornada, que certamente guardarei pra sempre, Sabrina, Daniela, Gabriela, Vanessa, Jaqueline, obrigada. Ao amigo Henrique que não seguiu esta caminhada ao meu lado, mas nem por isso se fez ausente. Aos colegas de todas as turmas as quais frequentei aula, nessa jornada um tanto turística pela universidade.

Aos meus tios, que sempre se preocuparam comigo, que me fizeram rir e chorar diversas vezes. A irmã de coração que ganhei ao longo desses anos, Janaina.

As mães que me adotaram como filha, Sandra e Marli. Minha eterna gratidão, muito obrigada por acreditarem em mim.

À assessoria de responsabilidade social da Celesc, que me acolheu no período de estágio, eterno aprendizado. À Maristela, que por 01 ano se fez presente na supervisão de estágio, com muita ética e profissionalismo. Os amigos, que conquistei nesse espaço, com certeza os guardarei pra sempre, Viviani, Eugenia, Danielle, e os jovens aprendizes, que me ensinaram muito.

A minha orientadora Professora Maria Teresa, que dedicou seu tempo e seus ensinamentos.

A professora Eliete, que tive o prazer de conviver nesse ultimo semestre como monitora, e que aprendi muito.

SIMIANO, Alania. **A aids na perspectiva do diário catarinense (2.004-2.008).** Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2.009, 80f.

RESUMO

Este estudo teve como intuito realizar uma análise da mídia escrita sobre o tema HIV/AIDS, no jornal *Diário Catarinense* entre os anos 2004, 2006 e 2008 trazendo as notícias que ganharam destaque nos anos pesquisados, e aprofundando os temas vulnerabilidade da mulher em relação ao HIV/AIDS e prevenção, bastante abordados pelo jornal. Também fazer um breve histórico da doença.

O interesse em pesquisar sobre o assunto surgiu no período de estágio, realizado na Celesc Distribuição S. A, no desenvolvimento do Projeto Jovem Aprendiz, que atende jovens em condição de vulnerabilidade social, e alguns que residem no Lar Recanto do Carinho, uma ONG do Grupo GAPA, que atende à portadores do vírus HIV.

No decorrer do trabalho, foram abordadas temáticas como a vulnerabilidade da mulher em relação ao vírus e a importância da prevenção.

Palavras-chave: Notícia, AIDS, Mulher, Prevenção.

Lista de Quadros

Quadro 1: Notícias sobre AIDS veiculadas pelo Diário Catarinense no período de 2004 a 2008..... 29

Quadro 2: número de notícias publicadas pelo jornal, divididas por ano..... 30

Quadro 3: Data e Notícias sobre Mulher..... 32

Quadro 4: Notícias sobre prevenção.....46

Lista de Siglas

ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar

ACORDA - Associação Catarinense de Redutores de Danos

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência adquirida

AZT – Azidotimidina

BU – Biblioteca Universitária

BPSC-Biblioteca Pública de Santa Catarina

CTA - Centro de Testagem e Aconselhamento

DC - Diário Catarinense

DST - Doença Sexualmente Transmissível

FAÇA-Fundação Açoriana para Controle da AIDS

HIV-Human Immunodeficiency Vírus

GAPA - Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS.

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONG – Organização Não Governamental

RBS-Rede Brasil Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

VIDDA - Valorização, Integração e Dignidade do Doente de AIDS.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A AIDS E O DIÁRIO CATARINENSE: A CIRCUNSCRIÇÃO DA DOENÇA NO JORNAL	15
1.1 Histórico da doença.....	15
1.2 Diário Catarinense: fonte de dados empíricos sobre a AIDS.....	25
2 A MULHER E O VÍRUS HIV NA MÍDIA	31
3 - A IMPORTÂNCIA DE SE TRABALHAR A QUESTÃO DA PREVENÇÃO.....	45
3.1 Prevenção: entre notícias, hábito e política.....	47
3.2 O trabalho realizado pela Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS.....	65
APÊNDICE	67
Apêndice A- Levantamento geral das Notícias do Jornal Diário Catarinense (2.004-2.008).....	68
ANEXO.....	78
Anexo A- Capa do Jornal Diário Catarinense.....	79

INTRODUÇÃO

A síndrome da imunodeficiência adquirida - AIDS surgiu na década de 1980, e até os dias de hoje muita coisa mudou na vida das pessoas portadoras e de toda a sociedade. Pesquisas foram realizadas em todas as partes do mundo na tentativa de encontrar a sua cura, porém, isso ainda não ocorreu, e milhares de pessoas morreram em decorrência do vírus. Campanhas de prevenção são realizadas periodicamente, na qual governo e sociedade civil se mobilizam, na tentativa de amenizar o número de infectados.

Neste percurso de mais de vinte anos desde o surgimento da doença, não podemos deixar de citar o papel da mídia na divulgação dos acontecimentos sobre a AIDS. Este trabalho está centrado na análise de como a mídia divulga as notícias sobre a doença, mais precisamente a mídia escrita por meio do jornal *Diário Catarinense*, o de maior circulação no Estado de Santa Catarina.

O interesse em pesquisar sobre o tema surgiu no período da realização do estágio curricular obrigatório, realizado no período de agosto/2.008 a julho/2.009, na Assessoria de Responsabilidade Social Empresarial da Celesc Distribuição S. A, mais precisamente com o Projeto Jovem Aprendiz.

O Projeto Jovem Aprendiz¹ atende jovens que se encontram em vulnerabilidade social, sendo que muitos deles residem em abrigos, ao passo que

¹ O projeto jovem aprendiz, é o cumprimento da Lei nº 10.097/2.000 e decreto nº 5.598/2.005, que tem como finalidade: Criar oportunidade a jovens em situação de vulnerabilidade social; Contribuir na construção de conhecimento de jovens para inserção no mercado de trabalho;

outros vivem em comunidades carentes. Os requisitos para os jovens que não são provenientes de abrigos é a renda *per capita*.

O que motivou a pesquisa sobre a síndrome de alguma forma foi o contato com os jovens residentes na Casa-Lar Recanto do Carinho², que é uma ONG e faz parte do grupo de apoio e prevenção a AIDS (GAPA). O projeto Jovem Aprendiz na empresa visa o cumprimento da lei 10.097/2.000, e é realizado em parceria entre Ministério Público Estadual, Casas-Lares (Lar Recando do Carinho, Cretinha Rio Tavares e Ponta de Baixo, Casa Lar de Palhoça) e Instituição Formadora, no caso o Centro Cultural Escrava Anastácia.

No período de estágio realizado na Celesc Distribuição, tivemos contato direto com os jovens, porém, em nenhum momento, foi citado o fato de serem ou não portadores do Human Immunodeficiency Vírus (HIV). Nesse mesmo período, observou-se que funcionários da empresa, falavam em AIDS, pois acreditavam que todos os jovens residentes da referida Casa-Lar eram portadores do vírus, chamando atenção o fato de como a doença ainda causa medo e preconceito entre as pessoas, mesmo para aquelas consideradas esclarecidas e com formação universitária. Esse preconceito, na maioria das vezes não é intencional, e ocorre por falta de informações.

Essas informações são recebidas pelas pessoas por meio da mídia, cuja principal finalidade é aproximar a sociedade das mais diversas temáticas. Para Jane Galvão a mídia teve papel fundamental no Brasil, no início da epidemia da AIDS, repassando as informações a respeito da doença, que à época era ainda considerada misteriosa:

² O lar Recanto do Carinho é vinculado ao grupo GAPA (Grupo de Apoio e Prevenção a AIDS), e atende crianças e jovens portadores ou filhos de portadores do vírus HIV/AIDS.

[...] a imprensa fez com que a AIDS circulasse entre os diversos grupos sociais que pouco a pouco se consideram afetados e se mobilizam; ela polarizou as relações que se teciam a seu respeito. Através dela, a doença tornou-se objeto de tomada de posição, de enfrentamento, de clivagens coletivas. (HERZLICH E PIERRET, apud GALVÃO, 1.999).

De fato, a importância da mídia não pode ser questionada, uma vez que publica as informações, fazendo com que as pessoas se aproximem mais dos fatos que nos cercam diariamente.

Para Marcondes Filho, notícia é também “[...] informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais” (p. 13, 1.986). Desta forma, distorce-se muitas vezes o verdadeiro sentido da informação, uma vez que está sendo usada para angariar lucro. Nesse sentido, a mídia segue a lógica capitalista, como afirma o autor: “são produzidas para um mercado real e encerram em si a dupla dimensão da mercadoria: valor de uso e valor de troca” (p. 25, 1.986). Ainda nessa lógica, o autor afirma que esse tipo de mídia tem pouca duração, pois depois que a notícia é lida pelo comprador este se satisfaz com a informação e o jornal perde seu valor.

Para realização deste trabalho, coletaram-se informações no acervo de jornais da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina e a Biblioteca Universitária da UFSC, porém, nesta última, o acervo dos periódicos não estava completo, encontrando-se disponíveis apenas as edições dos últimos seis meses do ano de 2.008. Também se contatou a equipe do próprio jornal, contudo, os dias que o jornal dispunha para pesquisa em seu acervo eram limitados a uma tarde por semana, no período das 14h00m às 17h00m, tempo considerado insuficiente, diante do grande número de jornais que deveriam ser consultados. Após a coleta de todos os dados, foi realizada

pesquisa bibliográfica no acervo da Biblioteca Universitária e consulta de informações na internet.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral: analisar as notícias veiculadas pelo jornal Diário Catarinense no período de 2.004 a 2.008, para avaliar a maneira como a AIDS é veiculada por este jornal.

Objetivos específicos: diferenciar as notícias veiculadas; aprofundar o tema, doença e prevenção; investigar as características das notícias; analisar o papel da imprensa na veiculação de notícias e reprodução da ideologia.

Este trabalho se vale da metodologia da pesquisa documental que Richardson sedimenta como: “[...] a análise documental consiste em uma série de operações que visem estudar e analisar um ou vários documentos para descobrir as circunstâncias sociais e econômicas com as quais podem estar relacionados” (1.985 p.182). O presente estudo reveste-se igualmente de um caráter qualitativo e exploratório, possuindo características básicas como: ambiente real, fonte de dados, e o pesquisador como instrumento fundamental. Segundo Minayo, a pesquisa responde a questões muito particulares, ou seja, “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, p. 57, 2.000).

O período que o estudo abrangerá foi de cinco anos, que vai de 1º de janeiro de 2.04 a 31 de dezembro de 2.008. Foram coletadas notícias publicadas referentes a AIDS, intercalando-se os anos (2.004, 2.006 e 2.008), sendo expostas àquelas que demonstraram maior importância.

Esta pesquisa traz como justificativa a importância de se trabalhar o tema no espaço de atuação do serviço social, pois o profissional dessa área desenvolve atividades em diversas áreas como na saúde e em ONGS. Destaca-se ainda a necessidade de se abranger os estudos para que os mitos sejam esclarecidos, quebrando assim barreiras preconceituosas. É necessário ainda, que esse assunto seja mais debatido entre as pessoas, para que dúvidas possam ser sanadas acerca dessa doença, que ainda assusta a sociedade.

Este trabalho foi distribuído em três seções. Na primeira seção, um breve histórico da doença, desde seu surgimento, até os dias atuais bem como seu desenvolvimento, sintomas. Além disso, essa parte inicial pretende abordar a história do jornal *Diário Catarinense*.

Na segunda seção, por sua vez, será feita análise das notícias pesquisadas, dando enfoque à temática mulher e prevenção a AIDS, assunto que teve destaque durante a realização da pesquisa.

Na terceira seção, será feita a discussão sobre prevenção do HIV e AIDS, tema bastante abordado e que é trabalhado periodicamente em todas as áreas da saúde, nas três esferas do governo brasileiro. Juntamente com a exposição das campanhas realizadas pela secretaria de saúde do município de Florianópolis mais precisamente divisão DST/AIDS.

1. A AIDS E O DIÁRIO CATARINENSE: A CIRCUNSCRIÇÃO DA DOENÇA NO JORNAL

Nesta primeira seção, será realizado um breve histórico da doença, mostrando como esta chegou ao Brasil, e a concepção da mídia em relação a esse assunto. Também, abordaremos um breve histórico da Rede Brasil Sul (RBS) grupo empresarial da área de comunicações do sul do país, no qual se insere o *Diário Catarinense* (DC), jornal de maior circulação em Santa Catarina, que utilizamos como fonte de pesquisa.

1.1 Histórico da doença

No início da década de 1.980, uma nova doença ainda desconhecida começou a assustar os médicos de Los Angeles, homens jovens, aparentemente saudáveis, cuja idade estava entre 20 e 30 anos e com práticas homossexuais estavam morrendo após o contágio de um tipo de pneumonia causada por um protozoário, (*Pneumocystis carini*) que já era conhecida (Pasternak, 1.988, p.15). Nessa época, a doença era chamada de peste ou câncer gay. Assim, estudos mais minuciosos foram realizados e, no final do ano de 1.983 conseguiu-se identificar o vírus. A nova doença ficou conhecida como AIDS, (sigla em inglês para Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) que ocorre devido a uma infecção causada pelo vírus HIV³ (sigla originada do inglês: Human Immunodeficiency Vírus). “O defeito da imunidade foi rapidamente caracterizado como um defeito nos linfócitos *helper* ou auxiliares; a suspeita de que fosse um vírus foi confirmada no fim de 1.983” (PASTERNAK, 1.988, p.19).

³ Quem é HIV positivo, é portador do vírus, mas não desenvolveu a doença;

Para ele, a AIDS⁴ não é apenas um problema médico, que deva ser resolvidos por estudiosos da área da saúde, ela traz consigo consequências psicológicas, sociais, políticas (p.140).

Existem dados de que a doença teria tido início na África, mas esse fato não significa que deva haver discriminação em relação a esse continente assim como afirma o autor:

[...] e quero deixar meridianamente claro que o fato de a doença ter se iniciado muito provavelmente na África - parece haver um consenso sobre isso entre os que estudam - não dá a ninguém o direito de ressuscitar o racismo antinegro e culpar as pessoas dessa raça pela doença". (PASTERNAK, 1.988, p. 13)

Não se pode afirmar que existem "culpados", pois a AIDS não fora inventada em laboratório, têm-se vítimas, isso sim é preocupante. O portador do vírus HIV só pode ser considerado "culpado" quando sabe da existência da doença e não se previne, transmitindo a uma ou várias pessoas inocentes. (PASTERNAK, 1.988). Muitas vezes, as pessoas contraem o vírus e não sabem, assim, como os sintomas demoram a aparecer, novas vítimas surgem. Não se tem um número de quantas pessoas têm o vírus, mas estima-se que milhões de pessoas já morreram em decorrência da doença, embora esse número não seja concreto. No ano de 2.008, alguns números foram publicados no *Diário Catarinense*:

A Aids em SC: Santa Catarina tem 293 municípios, destes 233 com notificação de Aids; Casos notificados de HIV/Aids (1984-2008): 20.568; Adultos e adolescentes: 19.673; Crianças: 895; 55,5% são heterossexuais; 24,3% usuários de drogas de injetáveis; 12,1% homossexuais masculinos; 30 a 49 anos (mais atingida pela doença). No mundo: 40 milhões de pessoas são hoje portadoras do vírus HIV no mundo; Desses, 11,8 milhões são jovens; No Brasil: Das 6 mil novas pessoas infectadas diariamente, metade está entre os 15 e 24 anos;

⁴ A AIDS é o desenvolvimento do vírus HIV.

Quase 70 mil casos de Aids já foram registrados entre pessoas com menos de 24 anos de idade; O número de adolescentes soropositivos entre 13 e 19 anos cresceu 58,8% na última década; Na população em geral, a estatística é de 16 homens com Aids para cada 10 mulheres infectadas. Já na faixa de 13 a 19 anos, são seis casos em meninos para 10 em meninas. (Fontes: Secretaria de Estado da Saúde, Ministério da Saúde e Fundo das Nações Unidas para a Infância). (DIÁRIO CATARINENSE, 12/06/08).

A AIDS é uma doença silenciosa, estudos revelam que pode levar até dez (10) anos para que a pessoa contaminada comece a sentir os sintomas, porém isso não é uma regra. No início, estava ligada diretamente ao sarcoma de Kaposi (lesão na pele), hoje existem outros sintomas associados ao vírus HIV, sendo os mais frequentes: febre contínua em alguns dias da semana, cansaço e fadiga sem motivo aparente, perda de peso significativa, em média 10% do peso corporal, diarreia por mais de um mês. Em muitos casos, essas manifestações corporais aparecem juntas, alguns autores defendem que: “[...] o habitual é que todos os doentes de AIDS passem por essa fase, mas às vezes, ela ou não é perceptível, por ser muito curta ou então não existe”. (PASTERNAK, 1.988 p. 41).

O mesmo autor afirma que existe uma classificação com grupos exclusivos para os portadores do vírus HIV, e são divididos em quatro: doença aguda, portadores assintomáticos, gânglios aumentados persistentemente, doença sistêmica. Para ele essa classificação é entendida assim:

O mais comum dos sinais, e em geral o primeiro, é uma fadiga desproporcional ao esforço físico e atividades de quem a tem; [...] o segundo sintoma é o emagrecimento. A perda de peso precisa, para assim ser classificada como sintoma da doença, corresponder a mais de dez por cento do peso do corpo, e se estabelecer gradualmente [...]; o terceiro é a febre [...] pode ser moderada, não ultrapassar os trinta e oito graus ou ser até alta, e em geral é sintomática: a pessoa sente a febre; [...] o quarto é a diarreia, mas para que ser valorizada precisa durar mais de um mês. (PASTERNAK, 1.988, p. 41, 42).

Apesar desses sintomas, o vírus HIV somente é identificado por meio de exame de laboratório específico, e mesmo assim, caso o resultado seja positivo este deve ser refeito, em outro laboratório, para se poder ter certeza, pois a medicina não é uma ciência exata. Os mais comuns são os testes para anticorpos anti-HIV e a técnica mais conhecida é ELISA ou Enzima Imuno Ensaio. Mas mesmo quando um teste ELISA tem resultado positivo, deve-se aplicar outra técnica, para ter a confirmação (PASTERNAK, 1.988, p.68).

Este autor ainda afirma que o HIV é fácil de eliminar fora do corpo, e o método mais simples é a esterilização ou o calor. Produtos químicos também servem para matar o vírus: álcool, água oxigenada de dez volumes e hipoclorito. Porém, depois do vírus entrar na corrente sanguínea, não se pode utilizar esses produtos por via endovenosa (PASTERNAK, 1.988, p. 107, 108).

No Brasil, o conhecimento da AIDS chegou através da mídia, principalmente por meio de jornais e revistas, sendo quase o único meio de informações sobre este assunto. Jane Galvão completa: “[...] a mídia no Brasil teve papel fundamental de tornar pública aquela doença desconhecida” (pg. 48), antes mesmo de ter um caso confirmado, chamando atenção para um fenômeno social. Assim como a “primeira notícia sobre AIDS foi publicada no Jornal do Brasil no dia 03 de agosto de 1.981, com o título ‘Câncer em homossexuais’ é pesquisado nos EUA” (GALVÃO, 1.999, p.53).

Nesse período acreditava-se que a AIDS predominava apenas no sexo masculino, associado às práticas homossexuais, discriminando aqueles sujeitos. Em algumas publicações, falava-se em castigo de Deus, ou ainda em doença homossexual

que atingia brancos de classe média e estava associada a viagens feitas para o exterior, principalmente aos Estados Unidos. Mas esse público não se enquadrava ao fato da AIDS dizimar populações na África, e até mesmo, ter casos nos países subdesenvolvidos.

O acesso que a mídia possuía das informações eram repassadas através de profissionais da área da saúde, e nesse período não se tinha um esclarecimento da gravidade da doença, nem se haveria remédios, vacinas etc., que pudesse amenizar o aumento do número de contágios.

As notícias chegam às pessoas através das diversas formas da mídia, e essas interpretam de maneiras diferentes. Para Pasternak, a imprensa tem um grande defeito que é: “[...] a tendência a simplificar coisas mais complexas e pedir soluções aparentemente muito simples e lógicas, mas que esbarram no terrível obstáculo de os fatos não serem bem assim [...]” (PASTERNAK, 1.988, p 127).

Muitas vezes, “o tratamento que sofre a notícia antes de chegar ao receptor é o principal modo de se operar a chamada ‘manipulação’ jornalística”, como afirma Marcondes Filho (p. 39), as notícias ao sofrerem modificações têm como objetivo a venda e até mesmo a condução das pessoas a uma visão às vezes imposta, incompleta ou fragmentada. Para o autor:

Tal fragmentação (que é a forma geral de disposição do mundo na perspectiva burguesa) produz igualmente *mentalidades fragmentadas*, diluídas, difusas que vêem o contexto social, a realidade, sem nenhum nexo, sem nenhum fio orientador. Para a mentalidade fragmentada, a fragmentação noticiosa cai como uma luva (MARCONDES, p. 41, 1.986).

Essa fragmentação é um meio de alienar as pessoas, pois faz com que deixem de buscar informações reais, uma vez que a mídia é tida como fonte de informações verídicas. No período da ditadura militar, a repressão marcou expressamente a população do país, e as notícias eram veiculadas com censura.

No início da década de 1.980, estava ocorrendo à transição da Ditadura Militar para o governo democrático, fato que marcou expressivamente a sociedade civil. Colaciona MacRae que:

No final da década de 70 o Brasil começava a respirar ares mais otimistas. Para muitos, estávamos no limiar de novos tempos, mais justos e mais humanos. Grandes transformações se anunciavam como a indicação do encerramento da vigência de uma ditadura férrea e sanguinária, e sociedade civil ressurgiam politicamente com as importantes manifestações de propostas de trabalhadores, empresários, intelectuais e estudantes. (2000 apud GALVÃO, pg. 43-44).

Nesse período, os serviços de saúde eram precários, não existia um sistema que abrangesse a população em geral, a política era centralizada, privatizante e ineficaz, retratando o regime que vigorava.

Esse cenário começa mudar em meados da década de 80 quando o governo militar é extinto, após 24 anos, na tentativa de se constituir um regime democrático⁵, com uma luta popular que ficou conhecida como “Diretas Já”. Em 1.984, toma posse José Sarney, vice-presidente de Tancredo Neves que faleceu antes de assumir a Presidência da República. Em 1.988, a nova Constituição Federal entra em vigor, e o quadro de muitos serviços públicos no país passa por uma mudança, começando a se emoldurar o tripé da seguridade social, que só se completa em 1.993, com a Lei Orgânica da Assistência (Lei 8.742, de 07.12.1.993) que prevê saúde, previdência e

assistência social. A saúde passou a ser um serviço de caráter universal, abrangendo toda a população, independente de prévia contribuição.

No contexto de abranger os serviços prestados, as ONGS/AIDS começam a surgir, tomando a frente na organização de eventos preventivos e explicativos sobre a epidemia (GALVÃO, 1.999, p. 60). Em 1.985, surge em São Paulo o Grupo de Apoio a Prevenção à AIDS (GAPA), Em 1.986 a Associação Brasileira Interdisciplinar (ABIA), no Rio de Janeiro, e em 1.989, o Grupo Pela VIDDA (Valorização, Integração e Dignidade do Doente de AIDS), no mesmo estado (p.60,61). É nesse período que os primeiros militantes se destacam na luta contra essa doença, entre eles, Herbert de Souza o Betinho e Herbert Daniel, que lutavam contra a ditadura, e depois do exílio, deram continuidade ao trabalho iniciado (GALVÃO, 1.999, p.171). Em 1.988 a OMS institui o 1º de dezembro como dia mundial de luta contra a AIDS, e a cada ano com um foco diferente.

A partir da década de 90, a AIDS passou a ser vista como um problema de todos, e atingia principalmente as classes sociais mais vulneráveis. Nesse momento, já não se falava mais em câncer ou peste gay, uma vez que mulheres já haviam sido infectadas pelo HIV, e também disseminavam o vírus aos homens através de relações sexuais. Os grupos de riscos ainda eram citados com destaque, entre eles os homossexuais masculinos, profissionais do sexo e usuários de drogas endovenosas (injetáveis).

⁵ Somente com a eleição de Fernando Collor de Melo, que a democracia se consolida no país.

Na África, a AIDS foi catastrófica, por “afetar as pessoas no auge da força produtiva e por dizimar populações inteiras” (GALVÃO, 1.999, p. 176). No Brasil, o pânico moral foi dado em resposta ao preconceito às reações sociais e as suas conseqüências em relação aos portadores de HIV.

Pesquisas são realizadas em todas as partes do mundo, na tentativa de conter essa epidemia⁶. É cediço que nos países desenvolvidos essas pesquisas têm mais destaque e maiores investimentos. Campanhas são realizadas com intuito de diminuir o número de pessoas infectadas. No Brasil, existem diversas leis que protegem o portador de HIV/AIDS, dentre elas a Lei nº. 9.313/96 que garante tratamento com remédios fornecidos gratuitamente pelo Ministério da Saúde e a Lei 7.670 de 1.988 que garante Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, independentemente da rescisão do contrato de trabalho. Por outro lado a Lei nº 7.649/1988 exige a realização de testes nos bancos de sangue e hemocentros. Isso faz com que pessoas portadoras do vírus possam ainda ter esperança, não só de tratamento, mas também de que a AIDS pode ter cura (GALVÃO, 1.999, p.199), contudo, as pessoas sadias não devem deixar de se prevenir, uma vez que:

Devemos lembrar que a terapia tripla representa “esperança para alguns e os preservativos são proteção para todos”. Nesse sentido, o desenvolvimento de uma vacina contra o HIV e a prevenção da transmissão vertical junto com outras estratégias de prevenção são o outro lado de qualquer estratégia de saúde pública. Só dessa forma poderemos controlar a epidemia e, assim, limitar os custos de tratamento, facilitando uma assistência melhor a pessoas com HIV (BELOQUI, apud GALVÃO, 1.999, p. 205).

⁶ Doença infecciosa ou agravo à saúde que surge de forma súbita e se desenvolve rapidamente atingindo grande número de pessoas (MENDES, 2.004 p.124).

O uso de remédios é associado ao tratamento em longo prazo, o mais conhecido é o AZT (sigla do azidotimidina primeiro medicamento usado em pacientes com AIDS), que foi testado anos antes como remédio contra leucemia, mas não se mostrou eficaz, e também o coquetel ou terapia combinada, que tem esse nome, pois o tratamento é feito com dois ou mais medicamentos anti retro virais. Esses remédios amenizam os sintomas da doença, mas trazem efeitos colaterais. No início, pesquisadores acreditavam que fosse possível combater a doença sem matar o vírus, utilizando várias técnicas que estimulassem a imunidade, mas sem sucesso (PASTERNAK, 1.988, p.112).

Trabalhos voltados à prevenção são realizados diariamente pelos grupos de apoio e combate a doença, porém ainda há muita coisa a fazer no que diz respeito às questões culturais, pois esta enfermidade não é somente relacionada à área da saúde, é também um problema social.

Campanhas são feitas periodicamente na tentativa de abranger a sociedade como um todo. De fato, houve uma evolução na maneira em que tudo isso tem sido apresentado para as pessoas, 26 anos após sua descoberta. No início da epidemia as notícias eram dadas de forma assustadora e preconceituosa, causando o chamado pânico moral, não só na mídia, mas também na forma como eram conduzidas as campanhas governamentais. Para Jane Galvão [...] “A mídia, nos anos iniciais da epidemia, foi fundamental ao apresentar para a opinião pública aquela nova doença e, no caso brasileiro, importado o modelo norte-americano de explicação da transmissão sexual da infecção pelo HIV” (p. 174).

Não podemos esquecer dos objetivos da mídia em relação a transmissão da notícia, como sustenta Marcondes Filho:

O noticiário da imprensa (particularmente a sensacionalista) sentimentaliza as questões sociais e cria penalização em vez de reação de descontentamento. Esse fato se dá particularmente por mecanismo reducionista, que particulariza fenômenos sociais (p. 18, 1.986).

A maneira como a notícia transita também ajuda na reação de quem está lendo, pois sua interpretação é individual e muitas vezes essas informações são distorcidas, causando ainda mais pânico na sociedade. De alguma forma, “[...] jornais *efetivamente* colaboram com a formação de opinião. É incorreto dizer que eles somente a reforçam: em alguns sentidos e em casos muito específicos eles exercem uma ação verdadeiramente condutora” (MARCONDES, 1.986, p. 21). O que é considerado uma forma de transformação da ideologia, pode ser classificada como:

Um conjunto de procedimentos, de valores, de normas, de pensamentos, de concepções religiosas, filosóficas, intelectuais, que possui uma certa lógica, uma certa coerência interna e que orienta o sujeito para determinadas ações, de uma forma partidária e responsável. (MARCONDES, 1.994, p.28).

Dessa forma, há alienação dos leitores, uma vez que são impostas as informações que nem sempre são verídicas, tendo em vista que a imprensa segue uma lógica de venda para a obtenção de lucros, ou alia-se a um determinado grupo, visando defender seus interesses econômicos, políticos, etc.

Podemos citar como exemplo uma notícia veiculada pelo referido jornal:

DST atingem 10 milhões de pessoas por ano no país

Doenças sexualmente transmissíveis (DST) como a sífilis, a gonorréia, a infecção pela clamídia, a tricomoníase e a herpes genital são a porta de entrada para o vírus da Aids. No Brasil, a cada ano, segundo estimativas do Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde, 10 milhões

de brasileiros devem ser infectados por alguma DST. Os dados são alarmantes, diz Fábio Moherdau, médico epidemiologista do Programa de DST/Aids. Uma pesquisa realizada em seis capitais brasileiras (Fortaleza, Manaus, Goiânia, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) vai mostrar a realidade das doenças sexualmente transmissíveis no país. No mês que vem, deve sair o primeiro relatório, mas já são estimados 1,5 milhão de novos casos de gonorréia. No caso da sífilis, um milhão de brasileiras devem ser infectadas anualmente. De acordo com as estimativas, 1,7% de todas as gestantes são portadoras da sífilis. Ainda que sejam registrados apenas 4,5 mil casos de sífilis congênita, o médico acredita que devem ser 29 mil os casos da doença no país (DIÁRIO CATARINENSE, p.31, 15/04/04.).

Desde o início da doença, muitas pessoas adquiriram o vírus, e em decorrência disso, sofreram forte preconceito, principalmente homossexuais do sexo masculino e profissionais do sexo, que eram considerados grupo de risco, no momento em que a mesma estava associada a essas práticas. Atualmente, sabe-se que não existe um grupo específico, e todos de alguma maneira estão vulneráveis à AIDS.

1.2 O Diário Catarinense: fonte de dados empíricos sobre a AIDS

Neste ponto, iremos explicar brevemente a história da RBS Tv em Santa Catarina e a chegada do *Diário Catarinense*, fonte de pesquisa utilizada para realização deste trabalho.

No final da década de 70, o Grupo da Rede Brasil Sul (RBS) se consolidou em Santa Catarina, mais precisamente entre os anos de 1.978 e 1.982, trazendo para o Estado um moderno sistema de operação, surpreendendo as emissoras existentes, que trabalhavam de forma amadora.

Tudo começou quando abriu o edital para o canal 12 de Florianópolis e a Rede Gaúcha se candidatou. A família Sirotsky entrou nessa disputa, que teria caráter profissional e não político, para poder exibir como emissora afiliada a programação da

Rede Globo, do empresário Roberto Marinho. Após ganhar a concessão para a TV Florianópolis, a RBS se expandiu pelo Estado catarinense, comprando a TV Santa Catarina de Joinville, a TV Coligada de Blumenau e a TV Cultura de Chapecó, abrangendo praticamente todo o território do Estado (Cruz, 1.996). Segundo a autora, a empresa gaúcha estudou a área catarinense antes de sua inserção, e descobriu um grande potencial de consumo, pois o território barriga verde se destacava como grande produtor de alimentos e com um diversificado parque industrial.

A partir dos anos 80, o Grupo RBS implantou com pioneirismo as redes regionais de TV e rádio em Santa Catarina. Em 1.981, vão ao ar as rádios Atlântida FM de Florianópolis e Blumenau, dirigidas ao público jovem.

O grupo dá um novo passo ao iniciar a circulação do jornal *Diário Catarinense*, em 05 de maio de 1.986, sendo o primeiro com redação informatizada da América Latina. Em 1º de setembro de 1.992, o grupo incorpora o Jornal de Santa Catarina e de Blumenau, ampliando sua presença no Estado. O segundo jornal do grupo, até então tradicional em grandes centros de Santa Catarina, dá início a interiorização da mídia impressa, completando o caminho aberto pelos rádios e TVs.

A RBS faz circular no sul do país os seguintes jornais: *Zero Hora*, *Diário Gaúcho*, *Pioneiro*, *Diário de Santa Maria (Rio Grande do Sul)*, *Diário Catarinense*, *Jornal de Santa Catarina*, *A Notícia*, *A Hora de Santa Catarina (Santa Catarina)*. A rede da mídia impressa passa a contar com cinco jornais, todos com a característica comum do vínculo comunitário e da interação com seus leitores, alcançando a grande maioria dos municípios do Estado de Santa Catarina. O *DC* tem uma circulação média de 38 mil exemplares nos dias úteis e 58 mil nos domingos, atingindo uma média de 400 mil leitores no território catarinense (REIS, 2.007).

O jornal *Diário Catarinense* tem sua ideologia bem traçada, uma vez que suas idéias são aceitas pelo senso comum, abrangendo boa parte da sociedade. Reis ressalta que:

O Diário Catarinense, como um meio de comunicação inserido no capitalismo, tem a finalidade de vender seu produto, disseminar ideologias, transferindo para todas as classes sociais interesses da classe ideologicamente dominante. O controle ideológico, estabelecendo os limites do que pode ou não ser divulgado e como será divulgado, reprime as manifestações que são contrárias a ordem vigente. (REIS, 2007, p.69).

Para facilitar o entendimento do conceito de ideologia, apresentamos a visão de Chauí, “a ideologia é o processo pelo qual as idéias da classe dominante se tornam idéias de todas as classes sociais, se tornam idéias dominantes” (CHAUÍ, 1.990, p. 92-93).

Marcondes Filho afirma que “o jornal é, portanto, a um só tempo portador de informação e opiniões, por um lado, e portador de publicidade, por outro” (1.986, p. 28), desempenhando assim, a função de informar o leitor e vender seu produto. Para ele, o uso de linguagem técnica também ajuda na manipulação do mesmo, pois alguns dados são encobertos, como o uso de gráficos e tabelas. Dessa forma, pode-se afirmar que o jornal tem muitos interesses alheios à informação veiculada como sedimenta o autor:

A função política efetiva do jornal na sociedade de classe é a de noticiar, divulgar fatos que interessam à classe ou a setores dominantes, mas a de moldá-los, esticá-los e comprimi-los, reproduzir assim a vida pública e privada conforme os parâmetros ideológicos de seus produtores (1.986, p.51).

Visando o aumento da circulação, a empresa fez investimentos que visavam fortalecer o grupo, e, em 2.007, é lançado o portal de notícias www.diario.com.br, com a implantação e estruturação do modelo de redação integrada entre as equipes que

produzem para o veículo impresso e para o site. As notícias são publicadas em tempo real, fazendo a integração de todas as redes de comunicação do grupo, rádio, televisão, jornal e internet.

Com o trabalho compartilhado entre as principais mídias e a constante busca pela inovação em tecnologia, o Grupo RBS fortalece a interação dos veículos entre si e seus públicos, reafirmando a missão do grupo: facilitar a comunicação das pessoas com o seu mundo (www.clicrbs.com.br).

Durante a pesquisa, foram levantados dados quantitativos sobre o jornal *Diário Catarinense* no período de 2.004 a 2.008, com o objetivo de analisar as notícias veiculadas, e dentre estas, as relacionadas a AIDS, as que tiveram maior destaque, para podermos avaliar de maneira minuciosa aquelas que se referem à mulher e à prevenção, e os meses que tiveram maior ênfase.

Com esses dados, podemos perceber que as notícias variaram entre os meses, algumas tendo maior destaque quando se aproximava de eventos relacionados à área. Também, um número relevante no mês de dezembro, período que é realizada a conscientização mundial da luta e combate à doença.

As notícias se dividiam praticamente entre as seções geral e saúde, os artigos na pagina dez, as informações se referiam a nível mundial, estas eram publicadas na seção mundo, e algumas ganharam destaque na seção da pagina quatro.

No final da pesquisa, foram contabilizadas 123 notícias distribuídas entres essas seções, como podemos visualizar melhor na tabela 01.

Dos anos pesquisados, 79 notícias foram publicadas no ano de 2.004, 19 em 2.006 e 25 em 2.008, mostrando que em 2.004 as preocupações com a AIDS eram maiores, como podemos visualizar no quadro 2.

Quadro 1: Número de Notícias e seções que foram publicadas

Seção	Número de Notícias	Porcentagem
Saúde	52	41%
Geral	43	35%
Política	01	1%
Mundo	02	2%
Página quatro	17	14%
Artigos	08	7%
Total	123	100%

Elaborada por Alania Simiano.

Também podemos notar que datas como carnaval e dia internacional de luta contra a AIDS levaram o jornal a publicar notícias sobre as campanhas realizadas, como distribuição de preservativos e propagandas nas ruas. Das notícias destacadas, dividimos entre: Prevenção quando se tratava de distribuição de preservativos; Pesquisa quando mencionava os avanços da ciência; Tratamento quando relacionado a medicamentos; Estatística quando mostrava números; Geração e Gênero quando se dirigia a idade sexo; Etnia quando falava de diversos povos.

Quadro 2, número de notícias publicadas pelo jornal, divididas por ano.

Ano	Número de Notícias	Porcentagem
2004	79	65%
2006	19	15%
2008	25	20%

Elaboração: Alania Simiano

2- A mulher e o vírus HIV na mídia

Nesta segunda seção, iremos abordar a questão da vulnerabilidade feminina no que diz respeito a AIDS e apontar as notícias que tiveram destaque sobre o assunto e

que foram veiculadas pelo DC. Durante a realização da pesquisa documental, observou-se grande incidência dessa temática, somando-se 9 notícias de um total de 123, ou seja 7 % do que fora pesquisado, podemos visualizar melhor na tabela 03.

Quadro 3: Data e Notícias sobre Mulher.

Data	Notícia
09/02/2004	Mulheres jovens lideram o ranking Homens deixaram de se cuidar
08/03/2004	Mulher e sociedade hoje
17/04/2004	Contaminação de mulheres é a que mais cresce
13/07/2004	Mulher é mais vulnerável Em conferência, Koffi Annan culpa a diferença social
15/07/2004	Mulher casada está mais vulnerável à Aids Por acreditarem na fidelidade, dispensam preservativos
20/11/2004	Gestantes informadas sobre a Aids Campanha do Ministério é para evitar que as grávidas infectadas transmitam o HIV para os bebês
24/11/2004	Meu marido me infectou
24/11/2004	Dos que têm Aids, 47% são mulheres
25/03/2008	O avanço mais rápido da Aids entre as mulheres do que entre os homens está ligado ao machismo

Elaboração: Alania Simiano

Com o passar dos anos, estudos foram realizados e chegou-se a conclusão de que não existe mais um grupo específico que possa ser considerado de risco, como se pensava no início da década de 1980, na qual os grupos com práticas homossexuais, principalmente do sexo masculino e profissionais do sexo (prostitutas) eram tidos como mais vulneráveis a doença. Após a confissão de Magic Johnson, famoso jogador de

basquete americano que teria contraído o vírus de uma mulher, começou a descartar a hipótese de que a doença atingiria somente homens (GIACOMOZZI, 2.002 p.18.).

O número de mulheres infectadas é bastante relevante, porém, não se tem um número oficial. Giacomozzi ainda sustenta que “com o aumento de mulheres infectadas pela AIDS, aumenta também o número de bebês contaminados, colocando em risco o futuro da população” (2.002, p.19). Segundo a mesma autora:

A situação agrava-se com as tradições inerentes à história da sociedade. Esta reconhecia implicitamente o direito de homens fazerem sexo com mais de uma parceira, bem como negava explicitamente a existência, em números significativos, de homens que fossem ao mesmo tempo homossexuais e tivessem uma esposa ou parceira. (p.20, 2.002)

A probabilidade de a mulher contrair o vírus de um homem é maior do que o contrário. A confiança⁷ em seu parceiro faz com que ela deixe de se prevenir, resultando no aumento do número de casos de DST/AIDS. Giacomozzi (p. 34) afirma que em geral as mulheres: “não usam preservativo e não conhecem a sua condição sorológica nem a do parceiro – essas medidas preventivas não entram em pauta na relação”. Podemos constatar no período da pesquisa, que muitas notícias sobre essa questão foram publicadas, como a destacada a seguir:

Mulheres jovens lideram o ranking

O ano de 2004 começou com quatro novos casos de Aids na Região Extremo-Oeste. Ao todo, 14 mortes provocadas pela ação do HIV já foram registradas na região. Desde o final do ano passado as autoridades alertam para a incidência da doença. Nos meses de novembro e dezembro do ano passado, quintuplicaram os casos notificados de Aids no ambulatório de atendimento regional do município de São Miguel do Oeste. Em apenas dez dias, foram oito casos de soropositivos confirmados, sendo que uma mulher de 34 anos morreu no início do mês de dezembro.

⁷ acreditar que seu parceiro não tem outras mulheres.

*Todos os novos casos registrados foram em cidades pequenas e em mulheres de baixo nível de escolaridade. "Metade dos novos soropositivos registrados em dezembro são jovens com idade entre 15 e 21 anos e, destes, mais de 50% são do sexo feminino, alerta o obstetra responsável pelo ambulatório, Gerson Weissheimer. **Homens deixaram de se cuidar***

Tínhamos, em média, um novo caso a cada 30 dias. Isso é alarmante, diz a secretária municipal de Saúde, Ana Moser. O ambulatório atende a mais de 20 municípios do Extremo-Oeste catarinense e revela uma realidade cruel no avanço da epidemia: 70% dos casos são de mulheres e, destas, 64% possuem um único parceiro.

As mulheres estão tendo relações muito mais cedo, faço atendimento pré-natal em meninas de 12, 13 anos. Se elas engravidam, também estão sujeitas às DST, ressalta o obstetra. O médico ainda acredita que a "feminilização" da doença não é o fator mais agravante. Os homens também deixaram de se cuidar depois que surgiram os coquetéis de remédios que prolongam a sobrevida dos doentes de AIDS", diz Weissheimer (DIARIO CATARINENSE,p. 19, 09/02/04).

A preocupação das autoridades de saúde diz respeito ao aumento do número de casos de contaminação, não só de HIV/AIDS, mas de outras DST's. A mulher se torna mais vulnerável a essas doenças, quando acredita na fidelidade de seu parceiro, e este, não corresponde. Os casos acima citados assustam principalmente aqueles que vivem em cidades mais afastadas, que acreditam que essas doenças são de grandes centros.

As diferenças culturais ao redor do mundo e a maneira como elas tratam as divergências entre homens e mulheres, faz com que estas se tornem submissas, e aqueles seus proprietários, sempre em busca do prazer.

De acordo com Marcondes, em seu livro Ideologia, essa força capaz de acionar os indivíduos torná-los ativos e propensos a aceitar certas idéias e conceitos é responsável pela adoção de uma ideologia, uma prática, uma religião. Como exemplo, podemos citar a cultura muçulmana, segundo a qual o homem pode se casar com mais de uma mulher, e se torna seu dono.

Segundo Hilário Franco Júnior, a Igreja controlou a vida das pessoas principalmente entre os séculos VI ao XI, “a educação era feita de clérigos para clérigos, devido à necessidade de culto” (1.986, p.127). Ainda, castigava-as caso desrespeitassem suas regras, e pregava que o prazer deveria ser evitado, visando apenas à reprodução. (1.986, p. 162).

Para o autor, “o casamento era apenas uma concessão para aqueles que não conseguissem se controlar: o celibato continuava muito superior e preferível” (1.986, p. 162).

Dessa forma, a Igreja impôs à sociedade e às famílias suas regras e aquele que não as seguisse, era condenado. Somente era considerada família, aquela advinda do fruto do matrimônio, a sexualidade da mulher era controlada, e seu comportamento era vigiado. (COSTA, 1.992).

De fato, as mulheres evoluíram, buscaram independência, estudaram e entraram no mercado de trabalho concorrendo com o homem, assumiram o papel de chefe de família, muitas vezes sem apoio do homem. Apesar da busca por independência, a mulher ainda é submissa ao parceiro quando deixa de se prevenir, como Giacomozzi enfatiza: “o uso de preservativo com parceiro ‘secundário’⁸ é mais comum do que com parceiro fixo, e com este a medida é praticamente inexistente” (p.35) e que é exemplificada na reportagem a seguir, que mostra essa submissão:

Matrimônio dá sensação de segurança

Assim como várias outras mulheres que sempre foram fiéis ao casamento, a tailandesa contraiu o vírus do marido. Um recente relatório da Unids, agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para o combate à Aids, disse que as mulheres formavam um grupo cada vez

⁸ Parceiro alheio à relação conjugal.

mais vulnerável à doença, já que o casamento ou outras relações monogâmicas de longo prazo não lhes garantiam proteção contra o HIV. Em 1997, as mulheres respondiam por 41% das pessoas contaminadas pelo vírus. Em 2002, esse número aumentou em quase 50%. Acreditando-se seguras nas suas relações monogâmicas, a maior parte das mulheres não insiste no uso de preservativos, expondo-se ao risco de contaminação.

A manutenção de uma relação sexual constante com um parceiro doente leva a várias contaminações, criando um ambiente perfeito para o vírus se multiplicar e se tornar mais mortal. "A coisa mais importante que as pessoas devem saber é que a maior parte das mulheres doentes contraiu o vírus em relações monogâmicas. Essas mulheres têm uma impressão de segurança", disse Marie Bopp DuPont, ela própria contaminada por seu parceiro quando entrava na casa dos 20 anos(DIÁRIO CATARINENSE, 15/07/04).

A autora ainda ressalta que na maioria das vezes as mulheres casadas confiam tanto em seus parceiros que:

[...] Não identificam o risco pessoal para o HIV e as doenças sexualmente transmissíveis, e apesar de a associação traição/contágio estar presente em vários momentos, esta é uma representação provocada e não identificada com os próprios maridos, mas com um comportamento masculino geral, definido socialmente (p.131, 2002).

E sustenta que:

A instituição casamento - influenciada pelas determinações econômicas, sociais, culturais, de classe de gênero – tem assumido inúmeras formas [...] embora o amor romântico suponha uma igualdade de envolvimento emocional entre o casal, a mulher acaba por ser prejudicada por seus ideais – muitas vezes se sujeitando ao marido – e com isso fortalecendo o machismo da sociedade moderna.(2.002 p.27).

Para muitos, a relação estabelecida pelo casamento é de confiança e segurança, e nesse sentido não há prevenção de DST e AIDS, uma vez que acontece apenas a prevenção de gravidez. A dependência econômica, o desejo pela monogamia (relação com uma única pessoa) decorrentes da mulher é destacado por Giacomozzi (2.006, p.41) como influentes nas decisões tomadas pelas mulheres em relação à

sexualidade, assim, destaca-se a notícia veiculada no *Diário Catarinense*, que enfatiza essa problemática:

Mulher casada está mais vulnerável à AIDS

Por acreditarem na fidelidade, dispensam preservativos

A tailandesa Chompoo Yokhee estava grávida e com apenas 21 anos de idade quando descobriu ser portadora do vírus da AIDS. Ela foi contaminada pelo marido.

"Não conseguia acreditar. Queria me matar e fazer um aborto. Fiquei com muito medo de meu filho também ser contaminado e ser odiado por todo mundo", afirmou a mulher, agora com 30 anos, em entrevista durante a 15ª Conferência Internacional de AIDS, realizada em Bangcoc.

Chompoo é uma das cerca de 38 milhões de pessoas que vivem hoje com o HIV no mundo, um vírus que já matou 20 milhões de pessoas desde que começou a infectar os seres humanos, em 1981. Ela também pertence a um grupo que, segundo especialistas, é muito vulnerável à AIDS (DIÁRIO CATARINENSE, p.30, 15/07/04).

Para muitos, a relação duradoura e estável é acomodada. O sentimento que agrega as pessoas durante a convivência faz persistir a segurança. Outro exemplo dessa confiança, que é muito comum em relacionamentos duradouros, na qual os parceiros não acreditam na infidelidade do outro, é a matéria publicada no DC, mostrando o depoimento de uma mulher que acreditava na fidelidade do companheiro:

Meu marido me infectou

Casei com 16 anos e com meu marido tive seis filhos. Anos mais tarde ele começou a usar drogas injetáveis e aos 28 anos morreu. A família dele não me contou a verdadeira causa da morte, disseram que teve meningite.

Na mesma época, meu penúltimo filho, que tinha um ano e quatro meses, adoeceu e através dos médicos descobri que ele tinha AIDS. Quase morri. Eu também estava infectada, fiquei muito mal, comecei a beber e me drogar até que recebi apoio do Gapa. A maior sorte é que nenhum dos meus outros filho tinham o vírus, nem o caçula, que nasceu quando meu marido já estava em fase terminal. Aos poucos, a vida foi voltando ao normal, casei com um soropositivo e tivemos um filho. Nosso bebê está livre da doença, tomou medicamento e conseguimos negatizar o vírus. Nossa relação é ótima, mas só

transamos com camisinha porque as nossas cargas virais são diferentes. Posso dizer que tenho uma vida normal e muito feliz. Atualmente me tornei voluntária, defensora da causa e também represento a Mulher Cidadã Positiva de Santa Catarina. (DIÁRIO CATARINENSE, p. 04, 24/11/04).

Neste depoimento, analisamos a vulnerabilidade da mulher em relação ao vírus da AIDS, mesmo tendo parceiro fixo. O fato de a notícia ter tido destaque na maneira de sua publicação, mostra seu caráter sensacionalista, como afirma Marcondes Filho.

As diferenças entre homem e mulher são bastante evidentes, mesmo quando estes constroem uma relação conjugal, porém, seus pensamentos são opostos no que diz respeito à fidelidade, confiança, até mesmo o amor. Para Giacomozzi, isso tem uma explicação: “para a maior parte dos homens, o amor romântico entra em conflito com as regras de sedução, já que eles teriam de abdicar de sua condição de ‘macho’ e ‘conquistador’ para viver um único e duradouro relacionamento” [...] (2.006 p. 44).

Os casos de contágio em mulheres aumentaram nos últimos anos, mesmo aquelas casadas há bastante tempo e que acreditavam que o casamento pudesse trazer mais segurança e fidelidade, porém, estão contraindo AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis de seus parceiros. Muitas com idade de 30 a 40 anos, e também, mulheres idosas, se tornaram vulneráveis a epidemia. A mulher que mantém um relacionamento estável, principalmente a casada, não se preocupa em prevenir DST e AIDS, uma vez que não se visualizam como ‘futuras portadoras’, pois não acreditam que seus parceiros buscam sexo fora do relacionamento. A vergonha, o medo da repressão e de desconfiança por parte do seu parceiro, faz com que deixe de usar preservativo. Um alerta sobre essa questão foi veiculado pelo DC em 2.004, já apontava esse quadro.

Contaminação de mulheres é a que mais cresce

Uma pesquisa realizada pelo Programa Nacional DST/Aids do Ministério da Saúde revelou que, no Brasil, a velocidade de crescimento da infecção entre as mulheres já é nove vezes maior do que entre os homens. Para cada 1,8 homem infectado há uma mulher com o HIV. A constatação preocupa os técnicos do programa, que atribuem com causa principal do problema as dificuldades encontradas na hora da prevenção, principalmente no que diz respeito ao uso da camisinha, um dos melhores meios para se evitar doenças sexualmente transmissíveis. De acordo com a pesquisa, enquanto 75,1% dos homens relataram o uso consistente do preservativo nas mulheres essa taxa caiu para 17,9%.

O número de óbitos entre o sexo feminino também está caindo numa proporção 2,4 vezes menor do que entre os homens. O motivo seria a demora em fazer o teste para detectar o HIV.

Em 2002, por exemplo, 35% das mulheres que morreram por causa da AIDS tiveram menos de 12 meses de vida entre o diagnóstico e o óbito. As regiões Sul, Norte e Nordeste são as que mais registram o aumento da taxa de mortalidade. No Brasil, cerca de 80 mil mulheres brasileiras são HIV positivo, número que corresponde a quase 30% do total de casos registrados desde a década de 80. (DIÁRIO CATARINENSE, p.17 17/04/04).

Trabalhos são realizados, para tentar reverter esse quadro. Campanhas educativas abordam essa temática, tendo em vista que a mulher é mais vulnerável que o homem a esse tipo de doença. Foi veiculada em novembro de 2004, uma matéria que reportava a importância do uso de preservativos, inclusive femininos, que assim como os preservativos masculinos são distribuídos gratuitamente pelo Ministério da Saúde. A reportagem enfatizava essa questão:

Reforço na distribuição de preservativos femininos

O Ministério da Saúde oferece tratamento gratuito a 138 mil portadores do vírus, 35% do sexo feminino. O governo também repassa anualmente R\$ 3 milhões para que estados e municípios desenvolvam ações específicas para o controle da doença em mulheres, desde a prevenção até o controle da transmissão vertical (de mãe para filho).

Também está prevista para este ano a distribuição de 127 milhões de preservativos, um incremento de 143% em relação ao ano passado. Destes, quatro milhões serão de preservativos femininos (DIÁRIO CATARINENSE, 17/04/04).

Para muitos, os homens têm uma visão diferenciada sobre fidelidade, contando que buscam fora do casamento apenas uma aventura, uma satisfação sexual, evitando envolvimento emocional. Também, afirmam que a fidelidade conjugal depende do comportamento da companheira, dispensando aventuras quando a parceira se mostra 'criativa' ou 'sedutora', o que faz com que cheguem satisfação sexual (GIACOMOZZI, 2.006).

Para muitas mulheres, o respeito e a maneira com que seus esposos as tratam as fazem acreditar na fidelidade. O comportamento deles também influi nessa confiança, pois eles se mostram caseiros e atenciosos, que se dedicam apenas ao trabalho e a casa e que não saem com frequência com os amigos adquirem maior confiança (GIACOMOZZI, 2.006).

As pessoas que mantêm relações sexuais estáveis não se consideram vulneráveis a doença, acreditando na fidelidade de seus parceiros. É importante ressaltar que a AIDS mudou o comportamento das pessoas, mas consideram que essa doença está longe de atingi-las.

As lições de prevenção têm-se estendido a todos os públicos, até mesmo aqueles que mantêm relações estáveis, na busca por diálogos entre os parceiros, tentando abordar a questão do risco, que está presente independente da estabilidade do relacionamento. Nesse sentido, observa-se que o número de infecções diminuiu, mas o quadro ainda é preocupante, como mostra a notícia:

Prevenção faz cair número de infecções

Relatório divulgado ontem mostra queda em registros da doença no mundo

Um relatório divulgado ontem pelo Unaid, o programa da Organização das Nações Unidas (ONU) para a Aids, revela que medidas de prevenção conseguiram reduzir o número de novas infecções pelo vírus HIV no mundo.

O documento diz que o número total de novos casos registrados caiu de 3 milhões, em 2001, para 2,7 milhões, em 2007. Em relação ao Brasil, o relatório diz que, apesar de o país ter cerca de 730 mil pessoas vivendo com o HIV, a política de garantir acesso a métodos de prevenção e tratamento tem ajudado a manter a epidemia estável no país.

O relatório destaca que os níveis de infecção de usuários de drogas injetáveis vêm caindo em algumas cidades do Brasil, e o país é citado como um exemplo de liderança no combate à Aids. Já a proporção de mulheres infectadas em relação ao número de homens infectados vem aumentando. Segundo o coordenador do Unaid no Brasil, Pedro Chequer, em 2007, a relação era de 1,5 homem para cada mulher infectada. Nos anos 1980, a relação era de 28 homens para cada mulher. (DIÁRIO CATARINENSE p. 25, 30/07/08).

Investimentos na área da saúde também vem se destacando, uma vez que se ampliou a abrangência em relação à prevenção voltada também às mulheres, com a fabricação de preservativos femininos, com distribuição nas unidades de saúde e nas farmácias. Os grupos de apoio à prevenção da AIDS desenvolvem a atividade de levar ao conhecimento de toda a sociedade, com intuito de expandir a responsabilidade do uso do preservativo também às mulheres. Algumas datas como o dia internacional da mulher favorece para realização dessas ações, pois facilitam a abordagem, como aponta a matéria exibida pelo Diário Catarinense:

Camisinhas para elas

A homenagem ao Dia Internacional da Mulher no Centro da Capital ontem ficou por conta do Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (Gapa). A distribuição de camisinhas femininas marcou a data apesar de nenhuma das mulheres que recebeu o dispositivo admitir que vai usá-lo.

Mesmo com o fato do material esta há anos no mercado, a paulista Simone Lobo, que há 10 mora em Florianópolis, recebeu a iniciativa das voluntárias do Gapa como uma novidade. Ela prometeu estreitar o método de prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis. Vou experimentar e se conseguir me adaptar vou fazer o uso freqüente - disse.

Outra mulher, parada pela equipe de voluntárias, fez cara feia para o preservativo feminino. Sem querer ser identificada, ela comentou que nem o masculino seu parceiro usa.

Vou levar, mas não prometo que vou usar. Descobri que meu parceiro saiu com outras mulheres e mesmo assim não usa camisinha. Não sei se somente a partir de agora devo me cuidar - comentou a mulher, que precisou de um tempo de conversa com as instrutoras até entender o risco que está correndo.

Até as índias da tribo Kaingang entraram no ritmo de comemoração ao Dia Internacional da Mulher, na Capital. Tânia Mello, 18 anos, ficou atenta às explicações das voluntárias do Gapa sobre doenças sexualmente transmissíveis. Mas como grande parte da população, disse ainda não ter a cultura do uso do preservativo. Na aldeia recebemos orientações. Mas na prática o assunto é bem diferente - comentou a tímida índia que está casada desde os 15 anos. (DIÁRIO CATARINENSE 09/03/06).

A maioria das pessoas associa o uso de preservativo apenas como meio para evitar gravidez quando outros métodos contraceptivos não podem ser usados. Os trabalhos sobre prevenção das DSTS/AIDS se voltam para aquelas pessoas que não tem um relacionamento fixo, voltando à questão da promiscuidade.

A preocupação com o aumento do número de mulheres infectadas com o vírus da AIDS, não se diz respeito somente ao Brasil, no mundo todo este aumento vem trazendo preocupações às autoridades de saúde pública, líderes de Estado e a Organização Mundial da Saúde. Destaca-se, dessa forma, uma matéria publicada no DC, que enfatiza essa temática:

Mulher é mais vulnerável

Em conferência, Koffi Annan culpa a diferença social

No discurso com o qual abriu oficialmente a 15ª Conferência Internacional de Aids, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Koffi Annan, ressaltou a gravidade do avanço da Aids entre as mulheres. Ele lembrou que, freqüentemente, as diferenças sociais são responsáveis por tornar as mulheres mais vulneráveis à infecção.

Annan responsabilizou os governos, ao lembrar que, ainda hoje, um terço dos países não tem políticas que garantam o acesso ao tratamento e à prevenção para as mulheres. Segundo o líder, os próprios países membros da ONU deixaram de cumprir vários pontos da Declaração de Compromisso firmada há três anos.

O secretário-geral elogiou o governo da Tailândia, pelos resultados do programa de prevenção ao HIV no país, principalmente entre as profissionais do sexo, grupo em que o uso de preservativo chega a 95%%. (DIÁRIO CATARINENSE p. 23 07/07/04).

Nessa reportagem, se afirma o fato das diferenças sociais serem um grande fator no aumento do número de casos, sendo que teve um significativo aumento nos países subdesenvolvidos. Contudo, não podemos afirmar que a desigualdade social seja responsabilizada por essa majoração, pois a AIDS no início atingia um público diferente deste, que era da classe mais alta da sociedade e viviam em países desenvolvidos.

Na maioria das vezes quando a mulher casada descobre que é portadora do vírus HIV, leva um choque e demora a aceitar, pois não acredita na infidelidade de seu parceiro, se sente rejeitada pela família, amigos e pela sociedade. Silvia Regina Mendes descreve em seu livro Retratos de Exclusão, essa difícil realidade enfrentada por mulheres:

Minha vida era simples, normal como de qualquer outra mulher de minha idade. Eu nunca imaginei como seria o futuro. Como todo bom cearense, vivia cada momento. Agora vivo cada segundo. Fui mãe solteira. Não era HIV positivo. Os exames de pré- natal deram normais. Meu filho hoje tem nove anos e mora com minha mãe no Ceará. Logo depois do nascimento de Mauro, conheci meu marido, que é motorista, e nos apaixonamos. Era viúvo há pouco tempo e seus filhos já estavam criados. [...] logo após o casamento engravidei e, minha filha acabou

morrendo quatro meses depois de AIDS. Mas os médicos não me contaram. Fui saber que era soropositivo quando engravidei novamente e passei a doença para minha segunda filha, na chamada transmissão vertical. E foi o acaso do destino que me fez descobrir a verdade. Somente a mãe e não o pai pode passar a doença para o filho. Como depois da primeira gravidez eu estava sem o vírus, não foi difícil descobrir como fui infectada. Minha primeira decepção. Eu e minha filha estávamos com AIDS e meu marido continuava negando. [...] deixei a AIDS entrar na minha vida sem perceber.

Quando eu e minha filha já estávamos fazendo o tratamento com anti-retroviral, meu marido ficou doente e teve que ser internado. Apesar de ter perdido 15 quilos, continuava com a maior cara de pau. No hospital fizeram e refizeram o exame e deu positivo em todos. Ele continuava negando.

Como ele negava e não acreditava nos exames que o hospital fazia, resolvi fazer um exame num laboratório particular. Deu positivo. Minha vontade era de abandonar meu marido numa cama de hospital. Eu sentia raiva, mágoa, desespero e estava longe de minha família. Mas fiquei do lado dele. Não sei quem foi mais carrasco: meu marido ou minha família.

Ele nega até hoje. Não aceita o fato de possuir o vírus e ter ficado doente. Mais tarde descobri que a ex-mulher dele morreu de AIDS alguns meses antes de eu conhecê-lo e começar a namorá-lo. Adivinha quem deve ter passado para ela? Não contou nada e me engravidou. Minha filha desenvolveu a doença faz pouco tempo. Engravidei novamente. Minha última filha foi uma imposição, pois meu marido não quis usar camisinha, mas fiz o tratamento e, passado seis meses, os exames estão dando negativo.

O casamento continua, meu marido mudou o comportamento comigo. Eu não mudei, ele sim. Sempre foi um homem seco e grosso e agora, de certa forma está tentando me recompensar. Ficou amável e carinhoso e não me deixa faltar nada. Está se sentindo culpado. A consciência deve estar pesando, apesar de sua negação (MENDES, 2004, P.101, 102,103).

Essa situação é geralmente relatada quando a mulher descobre ser portadora do vírus. O parceiro, às vezes está consciente de que também é portador do vírus HIV, mas por outro lado, pode não saber, assim, não se previne, permitindo com que o vírus se propague. É importante informar as pessoas, de todas as camadas sociais, sobre a necessidade de prevenir não só pessoas sem parceiros fixos, mas também aqueles que mantêm relações estáveis, para que não aumente o número de casos de AIDS.

3- A prevenção à AIDS em destaque: notícias e ações

Nesta terceira seção, iremos abordar a questão da prevenção, tema significativamente abordado pelo DC, bem como situar o trabalho realizado pela Secretaria de Saúde do município de Florianópolis, na divisão DST/AIDS.

Durante o período pesquisado, encontramos 20 reportagens abrangendo este tema, ou seja, 14% do total. Acreditamos que esse número é bastante relevante, pois dividimos em vários subitens. Desta forma, destacamos a importância de aprofundar essa temática. Podemos visualizar esse número no quadro 04.

Quadro 4 com Notícias sobre prevenção:

Data	Notícia
10/02/2004	Ação contra a Aids distribui camisinhas Ministério da Saúde lança uma campanha nacional
08/06/2004	Prevenção a AIDS deve ser permanente A incidência de AIDS em Santa Catarina levou a secretaria de Estado da Saúde a investir em campanhas permanentes
12/06/2004	Capital apresenta prevenção à Aids Experiências realizadas pelo Gapa serão mostradas em evento na Colômbia, de 17 a 22 de junho
22/06/2004	Suspensa propaganda na TV
10/07/2004	Brasil mostrará prevenção à Aids no exterior Conferência na Tailândia
03/08/2004	Estado localiza 100 mil camisinhas Lote de preservativos que não passou em controle de qualidade foi distribuído em sete regionais
24/08/2004	Preservativos na Lagoa
31/08/2004	Brasil lidera combate à Aids
02/09/2004	O perfil de quem não usa camisinha
25/09/2004	Teatro na prevenção
02/11/2004	Cresce a venda de camisinhas em SC
23/11/2004	Mandela em nova luta contra Aids
24/11/2004	Sem camisinha não dá
02/12/2004	Luta sem trégua Sul lembra dia mundial de combate à Aids
27/07/2006	Camisinha na hora da prevenção A pesquisa comandada pelo Ministério da Saúde, no ano passado, mostrou que quase 91% da população brasileira de 15 a 54 anos citou a relação sexual como forma de transmissão do HIV.
12/08/2006	Brasil mostra ação contra Aids no Canadá
28/06/2008	Na luta contra a Aids, países pregam

	fidelidade.
30/07/2008	Prevenção faz cair número de infecções Relatório divulgado ontem mostra queda em registros da doença no mundo
31/07/2008	A luta contra a Aids
02/12/2008	Capital se mobiliza contra a Aids Ato no Ticen no dia mundial de combate à doença

Elaboração: Alania Simiano

3.1 Prevenção: entre notícias, hábito e política

Desde o surgimento da doença, estudos comportamentais são realizados, na tentativa de auxílio no seu combate, todavia, mesmo com grandes esforços a epidemia se espalhou. Para Parker:

Cada vez mais a atenção começava a se voltar para o conjunto mais amplo de estruturas e significados sociais e culturais que se havia visto serem responsáveis por moldar ou constituir tanto a experiência sexual como o uso de drogas em diferentes meios (2.000, p.70).

Segundo Sontag, “numa epidemia em que não há perspectivas imediatas de se descobrir uma vacina, muito menos uma cura, a prevenção desempenha papel

importante". De fato, a prevenção é a melhor maneira de se evitar a maior propagação da doença, mas encontram-se barreiras no que diz respeito à sexualidade e intimidade das pessoas. (SONTAG, 1.989, p.89).

A prevenção é fundamental para conter essa epidemia, mas não significa que se deve isolar os indivíduos contaminados ou que possuam práticas sexuais duvidosas como a providência tomada pelos Estados Unidos no período da Primeira Guerra Mundial, que isolou prostitutas em um campo cercado com arame farpado, para conter a infecção dos soldados do exercito pela sífilis, no qual não foram observados resultados positivos (SONTAG, 1.989).

O Brasil, desde o início da epidemia, vem buscando políticas para conter a doença. O Programa Nacional de AIDS (PNA) começou a se formular em 1.986, e era chamado de Programa Especial de AIDS, em 1.987 passou a ser chamado de Programa Global de AIDS, e que foi responsável até 1.995 pela implementação de programas globais contra a doença. Segundo Galvão, o Brasil se destacou na luta contra a AIDS, o PNA teve diversos nomes, mas com poucas mudanças na coordenação. No governo de Fernando Collor, esse programa passou por seu pior momento. Em 1.992, o país recebe recursos do Banco Mundial, para auxiliar nessa luta (GALVÃO, 2.000).

Desde então, o Programa Nacional de DST/AIDS, visa a redução da incidência do HIV/AIDS e a melhoria da qualidade de vida das pessoas que são portadoras do vírus. Nessa perspectiva, foram definidas diretrizes de melhoria dos serviços públicos oferecidos aos portadores de AIDS e outras DSTS, também o aumento da cobertura

das ações de prevenção em mulheres e populações com maior vulnerabilidade; da redução do estigma e da discriminação; e da melhoria da gestão e da sustentabilidade.

Para a fundamentação do PNA, a descentralização das ações foi instituída por uma política de incentivo, que tinha como definição um conjunto de municípios que deveriam receber recursos extras para o desenvolvimento de ações de prevenção e controle ao HIV/AIDS e outras DSTS.

Para expandir a qualidade e acesso das intervenções, buscou-se a ampliação das ações de promoção e prevenção, a inserção dos grupos mais vulneráveis nas redes de atenção, o acesso aos insumos para adoção de práticas mais seguras (preservativos, gel lubrificante, kits de redução de danos) e a implantação do projeto *Quality Improvement*. Além disso, foram pactuadas as responsabilidades do Ministério da Saúde, Estados e Municípios para aquisição e distribuição de medicamentos anti-retrovirais e para tratamento de infecções oportunistas e outras DSTS.

Esses processos estão sendo implementados graças ao fortalecimento das parcerias e das articulações intersetoriais governamentais e não governamentais, que buscam ainda a promoção dos direitos humanos das pessoas vivendo com HIV e AIDS.

Para aumentar a efetividade das ações, foram implementadas também a produção e a disseminação de informações oportunas e de qualidade para subsidiar os níveis de decisão, com a elaboração de um plano diretor de informação e informática. Esse plano inclui: o conhecimento da prevalência do HIV, da sífilis e outras DSTS, a consolidação de um sistema de monitoramento de indicadores do Programa Nacional, o Monitoraids (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2.009).

Os trabalhos do Ministério da Saúde abrangem todo o território nacional, tem como meta a distribuição gratuita de preservativos (camisinha de Vênus) que é o método mais conhecido na prevenção da AIDS, porém muitas pessoas ainda têm dúvidas de como prevenir a doença. São distribuídos gratuitamente em todas as unidades de saúde e disponível na maioria dos estabelecimentos comerciais como farmácias, supermercados, lojas de conveniência, para acesso de qualquer pessoa.

Também, veiculada em todas as mídias e propagandas acentuando a importância de seu uso, não só na prevenção da AIDS, mas de todas as doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada, porém, ainda há muitas barreiras quanto ao seu uso, pois depende da colaboração de ambos os parceiros. Giacomozzi enfatiza que a:

[...] Atividade sexual onde não há intercâmbio de sêmen, fluidos vaginais ou sangue entre parceiros. Pode envolver práticas como beijo (se não houver quaisquer lesões orais), carícia, abraços e manipulação genital (se não houver quaisquer lesões cutâneas). Também pode envolver coito vaginal ou anal, sempre que a camisinha for utilizada durante todo o ato. Poderá ocorrer falhas se a camisinha não for utilizada sempre com todos os parceiros sexuais.(MINISTÉRIO DA SAÚDE, apud GIACOMOZZI, 2.002 p. 31).

Antes do surgimento da AIDS, o preservativo era usado apenas como método anticoncepcional, mas após o invento da pílula oral, seu uso diminuiu. Também, é deixado de usar em relacionamentos duradouros, onde a confiança prevalece. Para a mesma autora “ainda existe certa restrição moral para o uso as camisinhas entre os casais em conjugalidade, visto que, ao longo da história da sociedade, ela foi associada com o uso em relações extraconjugais e com prostitutas” (p. 33).

O incentivo ao uso do preservativo se dá em todas as camadas sociais, com propagandas na TV, rádio, jornal e outros meios de comunicação. Em algumas datas, se faz mais presente, como carnaval, e o dia mundial de combate e prevenção a AIDS (1º de dezembro), onde os trabalhos de prevenção se dão de forma mais intensa. Assim, destaca-se a notícia que aborda este tema:

Camisinha eficaz

A campanha de prevenção da Aids deste ano tem como tema o slogan "Pela camisinha não passa nada. Use e confie". Com isso, está de parabéns o Ministério da Saúde, cuja iniciativa tem como objetivo reforçar a certeza de que a camisinha é um instrumento eficaz para evitar a contaminação pelo HIV. É inevitável lembrar que, em outubro último, em entrevista à BBC de Londres, o cardeal Alfonso Lopez Trujillo, presidente do Conselho Pontifício para a Família, do Vaticano, afirmava que o HIV poderia passar pelo preservativo, corroborado pelo arcebispo de Nairóbi, no Quênia, Raphael Ndinggi Nzeki, que atribui o crescimento da Aids à disponibilidade de preservativos, quando se sabe que é o contrário: a falta de preservativos é que é a responsável pela propagação da Aids. De mãos dadas com o Vaticano está o governo do EUA, que foi criticado em editorial pelo jornal The New York Times pela forma como está conduzindo a política de prevenção à Aids. Quanto à "teoria" propalada pelo Vaticano, esta já foi derrubada há 10 anos, por estudo do Instituto Nacional de Saúde dos EUA, quando pesquisadores ampliaram o látex do preservativo em 2 mil vezes, observando-o com um microscópio eletrônico. Nessa avaliação, nenhum poro foi achado. Outro trabalho avaliou 40 marcas de camisinhas vendidas no mundo, ampliando o látex desses produtos em 30 mil vezes e, mesmo assim, nenhum poro foi encontrado (DIÁRIO CATARINENSE, 05/02/04).

A distribuição de preservativos se faz em ação conjunta entre diversas entidades, visando conter o aumento de infecções causadas pelo HIV. A distribuição de preservativos nas ruas e em outros lugares deveria ser continua, e não somente em períodos que antecedem alguma data. Da mesma forma, a publicação de notícias que dão ênfase ao uso de preservativos e prevenção de DT/AIDS.

Prevenção eficiente

Com a proximidade do Carnaval, o governo federal empenha-se em estabelecer novas estratégias de prevenção à disseminação do vírus HIV, causador da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (Aids), preocupação, aliás, bastante pertinente, uma vez que o período é reconhecidamente de festas, de maior liberalidade e de maior consumo de álcool por parte de muitas pessoas. Com o slogan "Pela camisinha não passa nada", a nova campanha, que será veiculada pelos meios de comunicação em todo o território nacional, pretende enfatizar junto à população a eficiência de um método preventivo de fácil acesso e baixo custo, graças ao qual o país vem conseguindo evitar que a doença se expanda em níveis acentuados como os verificados em outros pontos do planeta. Na África, a epidemia atingiu o paroxismo, eis que 30 milhões dos 42 milhões de infectados no mundo habitam aquele continente, e focos importantes estão sendo registrados em países como a China, Rússia e Índia, que até há algum tempo poucos casos haviam registrado.

Quanto à campanha que está para ser lançada, não poderia ser ela mais apropriada. Em outubro passado, o cardeal Alfonso Lopez Trujillo, presidente do Conselho Pontifício para a Família, do Vaticano, afirmou em entrevista à BBC de Londres que o HIV poderia passar pelo preservativo. O comentário repercutiu em todo o mundo, gerando alguma confusão. É preciso que se deixe bem claro: a despeito das reservas que a Igreja Católica tem com relação ao uso do preservativo como método não-natural de controle da natalidade, e não cabe aqui comentá-las, é incontestável que o látex usado para a fabricação de camisinhas impede a transmissão do HIV. Vários estudos científicos o comprovam. Um deles, realizado já há 10 anos pelo Instituto Nacional de Saúde dos EUA, consistiu na ampliação da imagem do látex em 2 mil vezes, por microscópio eletrônico, não sendo observado nenhum poro pelo qual pudesse o HIV passar. Mais recentemente, outros testes foram efetuados, desta vez com a imagem do látex ampliada em até 30 mil vezes, e mesmo assim nenhum poro foi observado. Trata-se pois do mais eficiente método de prevenção à Aids e a outras doenças sexualmente transmissíveis. No entanto, como o uso de preservativos esbarra muitas vezes em idiosincrasias culturais, é fundamental que o poder público e as organizações não-governamentais envolvidas empenhem-se em removê-las, objetivo que só pode ser alcançado pela conscientização da população.

Para Santa Catarina, o assunto é de extrema relevância, uma vez que o Estado ocupa ainda a primeira colocação no ranking nacional em número de casos registrados em relação à população - a taxa de incidência situa-se em 22,4 infectados para cada grupo de 100 mil habitantes. O Carnaval deve ser aproveitado com alegria, mas nunca de forma inconseqüente. Este é, em suma, o recado que será dado pela campanha, e que esperamos os catarinenses assimilem na plenitude (DIÁRIO CATARINENSE 08/02/04).

Há vários mitos em relação ao uso do preservativo durante o ato sexual, o que interfere nas ações realizadas para conter o vírus HIV, muitas pessoas ainda alegam que seu uso:

[...] interfere no prazer que pode se obter [...] consequência descrita pela metáfora 'chupar bala com papel', [...] porque interfere no próprio desenrolar da relação que 'perde a naturalidade', 'fica esquisita', 'tira o tesão', 'corta o barato' (LOYOLA, 1.994, p.36).

De fato, esses mitos deveriam ser mais explorados, para que as pessoas tomassem conhecimento verdadeiro sobre o uso do preservativo, contendo assim o número de infecções. A mesma autora afirma que,

[...] o surgimento da AIDS trouxe ainda um outro tipo de inconveniente para o uso do condom⁹ ligado estritamente à doença: usá-lo ou solicitar ao parceiro equivale a levantar suspeita sobre seu estado de saúde e, ainda mais importante, sobre sua vida sexual. Este tipo de constrangimento que 'atrapalha o romance' é citado principalmente por mulheres, como motivo para evitar o uso de preservativos (LOYOLA, 1.994, p. 39).

Conforme mencionado na seção anterior, em geral essa situação decorre do machismo e da herança cultural, que tem a mulher como submissa ao seu marido, na qual este a tem como propriedade. A prevenção de DST/AIDS se torna importante para todos, uma vez que uma pessoa infectada pode disseminar o vírus sem ao menos saber que é portador. Para muitos, o uso de preservativos está associado apenas para evitar uma gravidez indesejada. Após a pílula do dia seguinte, essa prática se tornou mais comum entre as pessoas, principalmente entre os jovens, que tem uma preocupação muito grande em não engravidar. A AIDS se alastrou em todo o mundo, nem mesmo as comunidades que vivem no interior estão livres dela, assim, outras

culturas também estão buscando a prevenção de DST/AIDS, como mostra a reportagem a seguir:

Índio terá acesso à prevenção de doenças

Funasa adotará um novo modelo, com campanhas de vacinação e conscientização sobre a Aids.

O desenvolvimento de ações de combate ao alto índice de alcoolismo e suicídio entre as populações indígenas é um dos objetivos da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) este ano. Reduzir a mortalidade infantil e promover campanhas de vacinação e conscientização sobre a AIDS também fazem parte do projeto.

Representantes da Funasa de cinco estados brasileiros estiveram reunidos ontem em Florianópolis para discutir o assunto. O objetivo é ter maior controle da situação com o levantamento de dados estatísticos. Antes, a assistência à saúde era realizada por uma ONG contratada pela Fundação. "Havia pouca supervisão. Não tínhamos, por exemplo, controle de epidemias, do número de vacinações. O novo modelo permitirá mais agilidade com a descentralização das atividades de Brasília", diz o coordenador regional da Funasa, Everson Casagrande. Segundo Casagrande, os 34 distritos que concentram as comunidades indígenas regionais terão maior autonomia, assim como os conselhos locais e regionais das tribos que indicarão quais os atendimentos prioritários. Na região Sul e em São Paulo, a comunidade indígena está dividida em oito etnias, num total de 33 mil índios. Destes, 7,5 mil estão em Santa Catarina (DIÁRIO CATARINENSE, p.26, 11/03/04).

A AIDS causa medo nas pessoas, principalmente naquelas que não se vêem sendo portadoras de uma doença ainda sem cura e que tem diversas formas de transmissão, mas não se pode julgar ou punir ninguém pelo fato de ser portador. Por isso, é importante trabalhar a questão da prevenção em todas as camadas sociais, atingindo todas as idades, para que possa haver um resultado positivo.

De fato, a prevenção está ligada em grande parte ao uso de preservativo durante a relação sexual, que serve para proteção de todas as DSTs, não somente à AIDS. Seringas e agulhas não devem ser compartilhadas, no caso de uso de drogas injetáveis. Toda gestante deve ser orientada a fazer o teste do vírus da AIDS e, em

⁹ Condom, como o preservativo era conhecido.

caso de resultado positivo, ser orientada sobre os seus direitos e os de sua criança, sobre a importância de receber os cuidados recomendados pelo Ministério da Saúde, antes, durante e após o parto, para controlar a doença e prevenir a transmissão do HIV para o seu filho, a chamada transmissão vertical.

É certo que com a chegada da AIDS às pessoas começaram a mudar o comportamento de forma significativa, pois muitos temem esse mal. Por outro lado, ainda existem pessoas que não tem preocupação alguma com a doença e se arriscam buscando aventuras perigosas, como aponta a notícia a seguir, onde homens oferecem mais dinheiro para ter relação sexual sem preservativo, com garotas de programa:

Eles pedem para não usar camisinha

Mesmo os clientes sendo casados, muitas recebem propostas para realizar o sexo sem camisinha. A universitária conta que frequentemente tem de chamar a atenção dos homens pela retirada do utensílio de látex. "Além das doenças sexualmente transmissíveis, eles parecem não se importar com a AIDS. A desculpa mais apresentada é que eles são pessoas bem casadas", Todas as mulheres entrevistadas revelaram que utilizam camisinha e não aceitam propostas absurdas. As quatro mulheres entrevistadas afirmaram que realizam exames médicos a cada três meses (DIÁRIO CATARINENSE p.36 23/05/04).

É a partir desses atos que o vírus da AIDS pode se propagar. A irresponsabilidade quanto ao uso de preservativos faz com que aumente não só a AIDS, mas outras inúmeras DSTS. A preocupação com o vírus HIV é maior pelo fato de não ter cura, por outro lado, as outras DSTS, apesar de assustarem, possuem cura, causando certa comodidade, além de apresentarem sintomas com maior rapidez, diferentemente da AIDS, que pode levar até 10 anos ou mais para se manifestar.

O trabalho de prevenção não deve se restringir apenas aos adultos, devendo começar com as crianças, para que elas cresçam sabendo dos riscos que as DSTS

trazem, devendo esse trabalho ser realizado nas escolas desde as séries iniciais. Os adolescentes têm bastante interesse e curiosidade sobre esse assunto e estão iniciando cada vez mais cedo a vida sexual. Estes, às vezes, não têm abertura para falar desse assunto no ambiente familiar, e acabam não se prevenindo.

Para conseguir atingir os objetivos, podem ser utilizadas diversas temáticas, que consigam envolver as pessoas, chamando a atenção para sua importância, como a citada pelo DC:

Teatro na prevenção

No Brasil, 13% dos casos de Aids são registrados na população de 15 a 24 anos. Em Santa Catarina, a faixa etária de 20 a 34 anos responde por mais de 50% dos casos de Aids. Trata-se de um problema gravíssimo de saúde pública e também de um flagelo humano e social a que ninguém pode ficar indiferente.

O avanço da epidemia junto a adolescentes e adultos jovens coloca um desafio a ser enfrentado por todos aqueles que trabalham na prevenção. As intervenções exigem metodologias criativas e participativas, que estejam atentas ao universo cultural dos jovens, sua linguagem, seus símbolos e suas práticas. Aqueles que se preocupam em transmitir informações e orientações devem ser capazes de proporcionar uma aproximação não apenas racional, mas principalmente afetiva com temas como a sexualidade e drogas.

Nesse sentido, a utilização do teatro no trabalho de prevenção tem se mostrado um instrumento eficaz na tarefa de informar e orientar sobre a prevenção às DSTs, o HIV/Aids e uso de drogas. O aprendizado de técnicas teatrais facilita e estimula a abordagem dessas questões, principalmente no ambiente escolar.

A experiência de Teatro na Prevenção realizada pelo Instituto Arco-Íris tem logrado excelentes resultados: por um lado o processo realizado com professores e alunos, desde leituras, debates até a montagem de peças, permite a exteriorização de dúvidas, conflitos e afetos num espaço especialmente aberto para essa vivência; por outro lado, possibilita a construção de novas formas de intervenção, mais criativas e participativas. (DIÁRIO CATARINENSE, p. 08, 25/09/04).

O Instituto Arco-Íris desenvolve trabalhos relacionados à prevenção de DST/AIDS em Florianópolis, e tem como público alvo as/os profissionais do sexo, dependentes químicos e mulheres grávidas. As diversas formas de se realizar o

trabalho de prevenção, tem como objetivo atingir diversas camadas da população, de maneira formal, mas com contexto que abrange essa temática.

De alguma forma, as campanhas devem ser permanentes, com linguagem simples e que contemplem a população de todas as idades. No mesmo liame, destaca-se o texto publicado pelo DC:

Prevenção à Aids deve ser permanente

A incidência de Aids em Santa Catarina levou a Secretaria de Estado da Saúde a investir em campanhas permanentes.

Serão veiculados comerciais fora das datas convencionais: Carnaval e Dia Mundial de Luta Contra a Aids (1º de dezembro). Além de três comerciais de TV, estão previstos anúncios na mídia eletrônica, cartazes e folhetos informativos.

A iniciativa, que teve respaldo da Vigilância Epidemiológica do Estado, terá como público principal as mulheres e seus maridos, os jovens com vida sexual ativa e os idosos casados. Para o diretor da Vigilância Epidemiológica, Luis Antônio Silva, a idéia da campanha é divulgar muitas informações sobre a Aids. "Como os mais atingidos são os heterossexuais, escolhemos três faixas etárias de grande incidência neste público: mulheres casadas, jovens e a terceira idade", comentou. De acordo com o Boletim Epidemiológico do Programa Nacional de DST/Aids, estão registradas 12.866 pessoas vivendo com Aids no Estado (DIÁRIO CATARINENSE p. 22, 08/06/04).

A prevenção da AIDS e outras DSTS acontece de forma geral, com a exposição dos fatos às pessoas, como, por exemplo, não compartilhar objetos cortantes como alicates de cutículas, pinças, agulhas, e exigir sempre material esterilizado nos lugares que freqüentam, como salões de beleza, clínicas de estéticas, hospitais, etc. independente da época.

Para evitar o surgimento de novos casos, e mesmo para que os portadores possam gozar da vida sexual, ainda há necessidade de maiores informações sobre a

gravidade da doença, e também para que não aconteçam casos como o depoimento revelado pelo DC:

Eles não gostam de usar camisinha

E.D. ainda não faz parte do grupo da terceira idade. Mas aos 54 anos, e há 10 convivendo com a doença, ela revela que mesmo sendo portadora do vírus HIV é constantemente pega de surpresa por um parceiro que não quer fazer o uso do preservativo.

Ela contraiu a doença de um parceiro fixo. Na época não sabia que ele saía com outras duas mulheres.

Fui pega de surpresa pela doença. E hoje mesmo sabendo que eu tenho o vírus já tive parceiros que não se sentem intimidados com a transmissão. Mas nunca levo a relação adiante. Sem preservativo, não tem transa - afirma a mulher, que garante ter conseguido a estabilidade de uma vida tranqüila com o uso de medicamentos anti-retrovirais. De acordo com o médico Antônio Miranda, casos como o de E.D. só confirmam o que os resultados revelam: o idoso não quer saber de usar o preservativo.

A mulher deve exigir do parceiro o uso do preservativo já que a camisinha feminina não teve repercussão – diz

Assim como E.D., os portadores de HIV podem permanecer com o vírus sem manifestar a Aids por décadas. No caso dos idosos, o problema costuma ser descoberto durante o tratamento de outras doenças. O médico explica que na mentalidade dos idosos a Aids é uma doença existente somente entre os jovens.

Para as próximas décadas, Miranda salienta que os anos serão baseados em estudos e muito trabalho para tentar chegar em alguma conclusão sobre o combate à Aids.

- Não há perspectiva de vacina para proteção nem cura contra a Aids nos próximos 10 anos - diz. 12/03/06]

Se Deus permitir, vou morrer de velho"

Se Deus permitir, vou morrer de velho, não de Aids - acredita o autônomo L., 62 anos. Ele faz parte do crescente grupo de pessoas com mais de 60 anos contaminadas pelo HIV em Santa Catarina. Morador de Içara, no Sul do Estado, há cinco anos L. luta contra o problema. A revelação sobre o contágio surgiu durante o tratamento de um câncer. A partir daquele dia, L. iniciou uma dupla batalha, contra a Aids e pelo perdão da mulher e dos três filhos. Ele contraiu o vírus durante relacionamentos extraconjugais sem proteção e, sem saber, contaminou a companheira.

Os exames atestaram Aids em estágio avançado. Os médicos lhe deram dois meses de vida.

Não me abalei. contei o modo como suspeitava ter sido contaminado. Minha mulher fez exames e descobriu que estava doente também. Atualmente, Luiz e a mulher tomam coquetéis para controlar o avanço da doença e freqüentam o Programa DST/Aids de Içara. São monitorados com exames semestrais feitos por um infectologista e recebem atendimento psicológico no programa.

Foram tempos difíceis, mas hoje estamos unidos. Agradeço todos os dias pelo perdão que recebi e vi o quanto fui negligente (DIÁRIO CATARINENSE 12/03/06).

O uso do preservativo, ainda é a melhor maneira de prevenir a AIDS em relações sexuais, mas nos deparamos com o tabu que existe quanto ao seu uso. A maioria dos homens não se sente à vontade para fazer seu uso, e as mulheres têm vergonha de exigir, pois temem a desconfiança por parte do parceiro. A notícia a seguir, reflete o motivo pelo qual esses trabalhos não podem cessar:

Luta sem trégua

No Dia Mundial de Luta contra a Aids, registrado ontem pelo calendário, o país pôde anunciar números que confirmam sua posição destacada no panorama internacional em relação ao combate este mal que se dissemina mundo afora e flagela a humanidade no novo milênio, posição esta reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Chega a causar surpresa como um país cuja organização e eficiência dos serviços de saúde pública deixa tanto a desejar tenha conseguido estruturar um programa de combate à Aids que produz resultados tão positivos, e que levou a mortalidade em decorrência da infecção pelo HIV a cair pela metade em anos recentes. Mas se há bons motivos de orgulho, outros há que aconselham a redobrar cuidados e não baixar a guarda, pois a epidemia, na verdade, não arrefeceu, mas na melhor das hipóteses, se estabilizou, como afirmam com autoridade dois dos mais abalizados médicos infectologistas do país, os professores Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak, em artigo publicado ontem no jornal O Estado de S. Paulo. A variabilidade genética dos vírus desta solerte DST que circulam no país aumentou, ao mesmo tempo em que mudanças foram registradas no perfil dos grupos de maior risco. Em Santa Catarina, é de lamentar que a progressão da Aids continue situada em um patamar bem mais alto que o da média nacional. Enquanto no país são anotados 16,2 casos para cada grupo de 100 mil pessoas, no Estado são 22,4. Constata-se também que a doença, antes predominante em cidades maiores e com destaque para a área litorânea, avança com maior celeridade para cidades pequenas do

interior do Estado, criando a necessidade de novas estratégias e logística para o seu combate. Além disso, cresce entre as mulheres e ataca cada vez mais os jovens, o que ocorre também no conjunto nacional. Ainda na semana passada, o Ministério da Saúde divulgou resultado de pesquisa dando conta de que só 25% dos jovens entre 15 e 24 anos usam preservativos em suas relações sexuais. É de justiça e se impõe registrar que, em boa dose, o destaque nacional no combate à Aids deve-se às organizações não-governamentais (ONGs) que assumiram a causa, e que hoje funcionam como principais bases de ajuda e amparo aos soropositivos de menor renda, seja garantindo-lhes os medicamentos que garantem sua sobrevivência, seja até mesmo provendo-lhes necessidades como alimentação e abrigo. Enfim, como afirmam os especialistas acima citados, o panorama do combate à AIDS no país, neste dia mundial de luta contra a solerte DST, é mais otimista, mas nem por isso é róseo. Daí a necessidade de não baixar a guarda nem dar trégua ao "inimigo" (DIÁRIO CATARINENSE, p. 30, 02/12/04).

Pode-se destacar, as ações realizadas pelas ONGS DST/AIDS, que desempenham diariamente trabalhos a favor dessa luta. Em Florianópolis, destaca-se o GAPA, o FAÇA (Fundação Açoriana para Controle da AIDS) o Instituto Arco Íris e a Associação Catarinense de Redutores de Danos - ACORDA. O primeiro tem sedes em diversas cidades do Estado de Santa Catarina e em todos os estados brasileiros, e os demais se destacam em Florianópolis e atuam diretamente com os usuários, visando a prevenção e assistência aos portadores. O grupo é mantido pelo Ministério da Saúde e também recebe doações da sociedade civil.(VILAMIL, 2.008).

O FAÇA é uma unidade pública municipal e estadual recebe doações de pessoas físicas e jurídicas, atua na prevenção das DST/HIV/AIDS e na assistência a portadores e familiares. A ONG ACORDA abrange os profissionais que atuam em programas de redução de danos, e apóiam usuários de drogas na luta pela efetivação de direitos. Atua com parcerias entre Coordenação Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde, Associação Brasileira de Redutores de Danos e Controle Internacional de Drogas UNDPC, União dos Negros pela Igualdade, Fórum Catarinense das ONG/AIDS

e a Divisão Estadual e de Programas Municipais de DST/AIDS do Estado de Santa Catarina. (VILAMIL, 2.008).

3.2 O trabalho realizado pela Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis

A Secretaria Municipal da Saúde de Florianópolis desenvolve na área da epidemiologia o programa DST/AIDS e atua em parceria com ONGS e empresas na luta contra a epidemia.

Dentre esses programas, o projeto redução de danos tem como objetivos “orientar e executar ações que visem prevenir danos à saúde em geral advinda do uso de drogas, tais como a transmissão do HIV, hepatite, doenças sexualmente transmissíveis e outras transmitidas via sanguínea” (cartilha redução de danos 2.002 p.13). Faz distribuição de preservativos e folderes divulgando todos os trabalhos realizados pelo programa DST/AIDS.

O CTA, Centro de Testagem e Aconselhamento realiza testes HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis de forma anônima e gratuita. Nos centros de saúde, os profissionais são preparados para esse acolhimento e atendimento.

No que diz respeito à gravidez os centros de saúde realizam o pré-natal, e as pacientes são orientadas a fazer os testes de HIV, para que possam ter um acompanhamento, tanto mãe quanto filho, além de dar todas as explicações sobre a importância da sua realização e de como cuidar do bebê caso a mãe seja HIV positiva. Nesse caso, também é distribuído gratuitamente leite, para alimentar o bebê, pois através da amamentação acontece a chamada transmissão vertical, pois o leite materno contém o vírus.

A equipe que desenvolve o programa DST/AIDS é formada por médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e técnicos de enfermagem.

Os trabalhos são realizados em parceria entre ONGS e governo, na tentativa de alcançar todas as camadas da população, as orientações sexuais de cada um, e seguindo esta lógica, destaca-se a notícia veiculada pelo DC:

Capital apresenta prevenção à AIDS

Experiências realizadas pelo Gapa serão mostradas em evento na Colômbia, de 17 a 22 de junho

Experiências realizadas pelo Grupo de Apoio e Prevenção à Aids e Doenças Sexualmente Transmissíveis (Gapa/DST-Aids), da Capital, e do Projeto Rondon, em Santa Catarina, serão apresentadas em evento na Colômbia.

De 17 a 22 de junho acontece em Cali, o 9º Encontro Nacional e 5º Internacional de Pessoas que convivem com HIV. O evento reúne especialistas de vários países.

A implantação do Lar Recanto do Carinho, da Casa do Rio Vermelho para usuários de drogas injetáveis e o trabalho com profissionais de saúde desenvolvidos na Capital serão os temas levados por Helena Lima Pires, presidente do Gapa. Devido à alta incidência de Aids entre os índios, Cleide Maria Marques Grando, do Projeto Rondon, também foi convidada para falar sobre o trabalho feito no Estado. Os rondonistas desenvolvem, entre outros, projetos voltados à saúde em aldeias de Santa Catarina. Ambas embarcam no dia 16. Os custos, explica Helena, serão por conta da instituição colombiana Fundação Viver Melhor. Convidada do único Gapa do país a estar presente, Helena considera importante o convite para a participação no evento. "Muitas pessoas continuam tendo diagnóstico positivo, o perfil mudou e não temos ainda no Estado uma estatística confiável com relação aos números por município", diz. Ainda assim, reconhece, existem avanços e as experiências como do Lar Recanto do Carinho merecem serem divulgadas até para serem estímulo a se repetirem em outros locais. O Gapa, lembra Helena, está completando 18 anos, enquanto a epidemia tem 20 anos no Brasil. "São muitos os esforços. Trabalhar com populações específicas, como crianças e adolescentes, e dependentes químicos se constituiu e ainda é um desafio", diz (DIÁRIO CATARINENSE, p. 21, 12/06/04).

Nessa perspectiva, a realização desses trabalhos devem ser permanentes, uma vez que levam à população as informações sobre a doença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos neste trabalho, mostrar a abordagem da mídia escrita sobre a AIDS. Para analisarmos esta questão, abordamos aspectos relacionados à doença, aos métodos de prevenção, as maneiras de contágio e o que a mídia escrita apresenta veiculação das notícias.

Ao analisar a veiculação de notícias sobre a AIDS, podemos citar que estas foram mais freqüentes nos anos de 2.004 e 2.006, e tiveram maior ênfase em períodos que antecederam datas como carnaval e dia mundial de combate à AIDS. Nessas datas, as reportagens eram voltadas à prevenção e distribuição de preservativos, assim

como a distribuição de panfletos em ruas, praças, empresas e lugares com grande movimentação de pessoas.

No ano de 2.008, houve uma diminuição em relação ao número de notícias publicadas nos anos anteriores, e tiveram grande destaque, eventos que ligados à AIDS que aconteceram durante o ano, em Santa Catarina, no Brasil e em outros países. Percebemos que as notícias variaram conforme os meses, em algumas citara pesquisas, tratamento, geração, outras eram depoimentos de pessoas contaminadas pelo vírus, etc.

Também se constatou que as notícias não se limitavam apenas em nível de Brasil, dando destaque às pesquisas e eventos que aconteceram no decorrer dos anos. Citou ainda, a preocupação com o aumento do número de casos, principalmente na terceira idade e a vulnerabilidade da mulher. Os estudos e a dedicação da ciência nas pesquisas visando encontrar uma possível cura para a epidemia.

As notícias publicadas, em sua maioria tinham caráter informativo, mas os depoimentos de pessoas que portadoras do vírus se deram de alguma maneira um tanto apelativo na forma em que as chamadas da notícia às vezes não condiziam com o texto. O jornal cumpriu seu papel, uma vez que além de informar, tem como objetivos a venda da notícia para obtenção de lucro. E não podemos esquecer, que as notícias às vezes são inverdades e são publicadas com intenção de manipular o leitor.

No que diz respeito a AIDS, percebemos os avanços das pesquisas e dos trabalhos desenvolvidos nas diversas áreas da saúde e da assistência social, na garantia de direitos aos portadores do vírus e no tocante à prevenção desta.

É nesse contexto, que o Serviço Social se insere de forma a desmistificar certas concepções repassadas, construindo assim, respostas para sua ação cotidiana. Também, na tentativa de esclarecer e auxiliar os portadores de HIV/AIDS, viabilizando seus direitos em relação à distribuição de remédios, e outros direitos garantidos por lei.

Acreditamos que essa temática de HIV/AIDS deva ser mais debatida entre os profissionais de Serviço Social e outros profissionais que atuam nas diversas áreas da saúde, devida importância do tema e a abrangência do problema, que dadas suas proporções, se configuram como problema de saúde pública.

Finalizando este trabalho, salientamos que o mesmo não teve como objetivo esgotar a temática abordada, mas que possa sim contribuir com novos estudos acadêmicos do Serviço Social, para continuidade desse assunto tão importante para a atuação profissional e que é pouco discutido na academia e eventos da área.

Referências

- CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense 1981. (Coleção Primeiros Passos 13).
- COSTA, Albertina Oliveira. BRUSCHINI Cristina. **Entre a virtude e o pecado**. Rio de Janeiro RJ, Rosa dos Tempos; São Paulo SP, Fundação Carlos Chagas, 1992.
- CRUZ, Dulce Márcia **Televisão e Negócio, a RBS em Santa Catarina** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. **A Idade Média e o nascimento do Ocidente**. São Paulo SP. Brasiliense, 1986.

GALVÃO, Jane. **AIDS no Brasil: a agenda de construção de uma epidemia**

São Paulo SP. Ed. 34, 2000.

GIACOMOZZI, Andréia Isabel. **Casamento e AIDS: uma questão de confiança.** São

Paulo: Editora Mackenzie, 2006.

LOYOLA, Maria Andréia: **AIDS e sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas.**

Rio de Janeiro, Relume- Dumará, UERJ, 1994.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ideologia.** 8ª Ed. São Paulo: Global, 1994.(Coleção para entender:1).

_____ **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza.** São Paulo: Editora Ática, 1986.

MENDES, Silvia Regina. **Retratos de exclusão.** Chapecó Ed. Da Autora, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.**

17.ed. Petrópolis : Vozes, 2000.

PARKER, Richard G. **Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política.** Rio de Janeiro: ABIA São Paulo: Ed. 34, 2000.

PASTERNAK, Jacyr. **AIDS: verdade e mito, histórias e fatos.** São Paulo, SP.

Ed. Círculo do Livro, 1988.

REIS, Priscilla Gomes. **Migração, turismo e qualidade de vida em Florianópolis: a abordagem da mídia escrita no período de 1997 a 2006.** 2007/1. 95f. Trabalho de conclusão de curso em Serviço Social – Centro Sócio Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2007.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas; colaboradores,**

José Augusto de Souza Peres. São Paulo, SP. Atlas, 1985.

SONTAG, Susan. **AIDS e suas metáforas**. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 1989. Tradução: Paulo Henrique Britto.

VILAMIL, Cecília Silveira. **O HIV no Hospital Nereu Ramos**: Uma análise das dificuldades encontradas pelos usuários que convivem com a AIDS. 2008/2. 71f. Trabalho de conclusão de curso em Serviço Social – Centro Sócio Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

Ministério da Saúde. Disponível em:
<<http://www.aids.gov.br/data/Pages/LUMIS81B68422PTBRIE.htm>>. Acesso em 07 de maio de 2009.

SOUZA, Elton. **Grupo RBS comemora 30 anos**. Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/rbs30anos/19,0,2478415,Grupo-RBS-comemora-30-anos-em-Santa-Catarina.html>> Acesso em 15 de maio de 2009.

<<http://www.congemas.org.br/loas>> Acesso em 21 de maio de 2009.

Cartilha de Redução de Danos da Secretaria da Saúde de Florianópolis, Santa Catarina.2002.

APÊNDICE

APÊNDICE A- Levantamento Geral das Notícias do Jornal Diário Catarinense (2004-2008)

	Seção	Página	Notícia	Observação
01/04	Saúde	25	Reduzido preço de remédios anti-Aids Governo consegue economizar R\$ 299 milhões e soropositivos terão garantia de atendimento	
01/04	geral	18	Falta remédio para portador de HIV O Gapa alerta que farmácias não têm quatro dos medicamentos fornecidos gratuitamente, por lei	
02/04	Saúde	19	Acordo reduz tratamento	
02/04	Saúde	19	Mulheres jovens lideram o ranking	

			Homens deixaram de se cuidar	
2/04	Geral	20	Ação contra a Aids distribui camisinhas Ministério da Saúde lança uma campanha nacional	Carnaval, prevenção
2/04	Saúde	22	Babosa na medicina e na cultura popular	
3/04	Geral	23	Proteína de macaco inibe o HIV	
3/04	Política	12	Mulher e sociedade hoje	
3/04	Geral	26	Mais casos de Aids na 3ª idade Programa para combater a doença é reaplicado	
3/04	Geral	26	Índio terá acesso à prevenção de doenças Funasa adotará um novo modelo, com campanhas de vacinação e conscientização sobre a Aids	
3/04	Saúde	26	Jovem tem dúvidas sobre o vírus da Aids Adolescente afirma que fala com os pais sobre sexo	
4/04	Saúde	31	DST atingem 10 milhões de pessoas por ano no país	
4/04	Saúde	27	Contaminação de mulheres é a que mais cresce	
4/04	Saúde	26	Ação na Justiça busca remédio	
5/04	Mundo	53	3,8 milhões têm HIV na Nigéria	
5/04	Saúde	28	Cresce 600% a AIDS nas Fronteiras	
5/04	Saúde	27	Assistência às crianças com o vírus HIV O Ministério da Saúde informou ontem que há, no Brasil, 3.449 crianças de zero a 12 anos e 13.580 adolescentes de 13 a 19 anos portadores do vírus HIV.	

			PF investiga mais 10 suspeitos em fraude na Saúde Envolvidos manipulavam licitações/ 21/05/04	
5/04	Geral	27	Clientes são casados e têm mais de 30 Eles pedem para não usar camisinha	
5/04	Página Quatro	5	Por ano, surgem 1,4 mil infectados De acordo com a Vigilância Epidemiológica, número vem se mantendo nos últimos três anos	
5/04	Página Quatro	5	Índios contaminados procuram ajuda no Gapa	
5/04	Página Quatro	4	Fiquei preocupado com a doença e o meu vício"	
5/04	Página quatro	4	Crescem casos de Aids no Sul do país Pela primeira vez em 20 anos, região supera os registros do Sudeste, e, em Santa Catarina, os números se estabilizam a cada ano, de acordo com boletim epidemiológico divulgado pelo Ministério da Saúde	
5/04	Geral	32	"Hoje, aos 40, é a melhor fase"	
6/04	Geral	29	Curandeira tem lucro com os desesperados Doentes pagam centenas de reais por erva	
6/04	Saúde	22	Prevenção a AIDS deve ser permanente A incidência de AIDS em Santa Catarina levou a secretaria de Estado da Saúde a investir em campanhas permanentes	
6/04	Saúde	21	Capital apresenta prevenção à Aids Experiências realizadas pelo Gapa serão mostradas em evento na Colômbia, de 17 a 22 de junho	
6/04	Geral	19	Dos infectados, 73% seguem o tratamento Cerca de 73% dos pacientes brasileiros portadores do vírus da Aids e que precisam de tratamento tomam corretamente os medicamentos antiretrovirais fornecidos pelos serviços de saúde.	
6/04	Geral	19	Teste de HIV volta ao normal em Criciúma	
6/04			Lições de cidadania e Aids	
6/04	Geral	21	Suspensa propaganda na TV	

			Campanha publicitária sobre a Aids estava sendo veiculada desde o dia 6	
6/04	Saúde	22	Informação para olhar melhor	
7/04	Saúde	31	OMS atende portador de Aids	
7/04	Página Quatro	4	"Quando eu amar de verdade, vou contar"	
7/04	Página Quatro	4	Pediatra recomenda a discrição O infectologista e pediatra José Carlos Galvão acompanha em Blumenau o tratamento de 24 adolescentes herdeiros da Aids.	
7/04	Página quatro	4	Eles herdaram o vírus HIV dos pais Filhos das primeiras vítimas da Aids conseguem vencer a doença e chegar à adolescência, mas a maior batalha que travam é para viver sem preconceitos em uma sociedade ainda incapaz de aceitá-los	
7/04	Geral	18	A Aids tem o rosto das africanas" Relatório da ONU sobre a epidemia reconhece avanços do Brasil e alerta para os países mais pobres	
7/04	Saúde	21	Brasil mostrará prevenção à Aids no exterior Conferência na Tailândia	
7/04	Saúde	23	Mulher é mais vulnerável Em conferência, Koffi Annan culpa a diferença social	
7/04	Saúde	25	Metade dos órfãos perdeu pais para Aids Dados do Brasil mostrados em conferência na Tailândia	
7/04	Saúde	25	China e Índia desenvolvem pesquisas	
7/04	Geral	22	ONU pede que EUA lutem contra a epidemia	
7/04	Geral	22	15 milhões de órfãos da Aids Encontro na Tailândia debate o acesso a remédios que prolongam a vida	

7/04	Saúde	30	Mulher casada está mais vulnerável à Aids Por acreditarem na fidelidade, dispensam preservativos	
7/04	Saúde	30	EUA negam apelo de US\$ 1 bilhão da ONU	
7/04	Geral	24	Grupos pedem tratamento	
7/04	Saúde	19	Abusos a direitos fazem a Aids crescer União Européia destina verba para fundo global 17/07/04	
7/04	Saúde	28	Falta verba na luta contra a Aids A luta mundial contra a Aids enfrenta crise por falta de recursos, disse ontem o chefe do fundo criado para combater a epidemia global.	
7/04	Saúde	25	Droga injetável é o veículo da Aids Infectologista defende estratégia para controlar essa forma de contágio, que é mais alta em SC	
7/04	Saúde	19	Há risco de contágio, diz especialista Não use estas camisinhas, mais de 100 mil unidades de má qualidade em Santa Catarina.	
8/04	Geral	23	Estado localiza 100 mil camisinhas Lote de preservativos que não passou em controle de qualidade foi distribuído em sete regionais	
8/04	Geral	25	Campanha a favor da vida em SC	
8/04	Saúde	33	Controle rigoroso para doar sangue O Centro de Hematologia e Hemoterapia de Santa Catarina (Hemosc) decidiu não aderir à Portaria 153 do Ministério da Saúde que determina, para quem usa piercing e faz acupuntura, as regras para doação de sangue.	
8/04	Geral	18	Crianças estão longe de vida melhor Brasil terá condições de cumprir apenas três das oito metas de qualidade do programa da ONU	

8/04	Geral	21	Remédio de coração pode atacar o HIV	
8/04	Geral	24	Preservativos na Lagoa	
8/04	Geral	27	Brasil lidera combate à Aids	
9/04	Saúde	26	O perfil de quem não usa camisinha	
9/04	Mundo	37	População cresce sem controle Relatório aponta necessidade de investir nas áreas da saúde e da educação	
9/04	Saúde	18	Pacientes com Aids atendidos por seguradoras A Terceira Turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ) decidiu ontem que as seguradoras de saúde serão obrigadas a garantir o tratamento de portadores do vírus HIV.	
9/04	Artigo	08	Teatro na prevenção	
9/04	Saúde	24	Consultórios podem contaminar pacientes Consultórios de dentistas são focos de transmissão de doenças como hepatite B e C, caxumba, HPV, HIV e até herpes genital.	
0/04	Geral	22	Relatórios sobre Aids são defasados Desde 1993, o Banco Mundial já liberou US\$ 325 milhões para combater a expansão da doença	
0/04	Artigo	10	O flagelo da Aids	
1/04	Saúde	20	Cresce a venda de camisinhas em SC Pesquisa aponta o crescimento constante do consumo de preservativos masculinos. Mas, apesar do aumento das vendas e da disseminação de informações, muita gente não incorpora a camisinha à sua vida sexual.	
1/04	Geral	17	Aids já atingiu 10,5 mil crianças	
1/04	Geral	28	Vida saudável para crianças que têm Aids	

1/04	Saúde	27	Cai transmissão de Aids entre homossexuais No Brasil, 63,8% dos casos de Aids diagnosticados entre 1980 e 2003 foram transmitidos via sexual. Desde a década de 90, o maior número de casos ocorre entre os heterossexuais	
1/04	Saúde	20	Gestantes informadas sobre a Aids Campanha do Ministério é para evitar que as grávidas infectadas transmitam o HIV para os bebês	
1/04	Geral	21	Mandela em nova luta contra Aids Nelson Mandela lançou um novo projeto para envolver pessoas na luta contra a Aids na África do Sul, informou a fundação dele ontem.	
1/04	Página Quatro	04	Meu marido me infectou" "Casei com 16 anos e com meu marido tive seis filhos. Anos mais tarde ele começou a usar drogas injetáveis e aos 28 anos morreu. A família dele não me contou a verdadeira causa da morte, disseram que teve meningite.	
1/04	Página Quatro	05	Sem camisinha não dá	
1/04	Página Quatro	05	Vulnerabilidade de quem usa drogas injetáveis Número de infectados pelo vírus da Aids no mundo passou de 8 milhões em 2003 para 13,5 milhões em 2004	
1/04	Página Quatro	04	Dos que têm Aids, 47% são mulheres Número de adultas contaminadas pelo vírus HIV aumentou nos últimos dois anos em todas as partes do mundo, de acordo com boletim epidemiológico divulgado pelo Programa das Nações Unidas	
2/04	Saúde	22	Imbituba tem subtipo de vírus africano	
2/04	Saúde	22	Epidemia cresce entre os negros Maior parte dos registros, porém, continua sendo entre a população branca	
2/04	Saúde	21	Santa Catarina fará exame via SUS	

			Teste do Lacen vai detectar por que remédios anti-retrovirais não têm efeito em certos pacientes	
2/04	Geral	20	Cai o número de casos de Aids no país Parte do mérito se deve às ONGs	
2/04	Saúde	30	Luta sem trégua Sul lembra dia mundial de combate à Aids	
5/06	Saúde	29	Infectados pela Aids dobraram em 5 anos	
5/06	Geral	22	Vírus da Aids surgiu mesmo em chimpanzés Pesquisadores confirmaram que o HIV tem origem na selva de Camarões	
5/06	Saúde	24	Propagação da Aids é retardada	
6/06	Geral	28	Cartilha em braile sobre a Aids Doenças sexualmente transmissíveis são incluídas	
7/06	Saúde	43	Incidência de Aids fica estável em SC Perfil do portador do vírus HIV no Estado é diferente de outras regiões	
7/06	Saúde	43	Camisinha na hora da prevenção A pesquisa comandada pelo Ministério da Saúde, no ano passado, mostrou que quase 91% da população brasileira de 15 a 54 anos citou a relação sexual como forma de transmissão do HIV.	
8/06	Geral	29	Brasil mostra ação contra Aids no Canadá	
8/06	Geral	23	Gates pede meios para mulher evitar o HIV	
8/06	Geral	24	Gapa faz 20 anos em defesa da vida	
1/06	Página Quatro	05	Terceira idade é o novo abrigo do HIV	
1/06	Página Quatro	05	Contágio de bebê despenca no Estado	
1/06	Página	04	Novos casos caem em todo o Brasil	

	Quatro			
1/06	Página Quatro	04	Mortes diminuem em SC AIDS	
2/06	Página Quatro	05	Soropositiva desde os três anos	
2/06	Página Quatro	05	"Apesar dos avanços, não é uma vida fácil"	
2/06	Página Quatro	04	AIDS: Sem medo de viver	
2/06	Geral	20	Criciúma abraça principal avenida contra o preconceito No dia de luta contra discriminação, ato reúne 1,5 mil pessoas no Sul de SC	
2/06	Geral	20	Alerta a idoso marca dia de luta	
2/06	Geral	34	Estudo sobre Aids recebe recursos	
1/08	Saúde	34	Sem acesso à nova droga contra a Aids Ministério acusa laboratório de dificultar obtenção do medicamento	
2/08	Saúde	25	Incentivado teste rápido contra HIV	
3/08	Geral	29	O avanço mais rápido da Aids entre as mulheres do que entre os homens está ligado ao machismo	
6/08	Geral	43	Assunto ainda é tabu no ambiente da família	
6/08	Geral	43	Relações discutidas nas salas de aulas	
6/08	Geral	42	Programas de prevenção são ampliados	
6/08	Geral	42	Sexo precoce e inseguro	
6/08	Geral	26	Capital é sede de evento nacional	
6/08	Saúde	25	Mostra de Saúde amplia evento	
6/08	Saúde	25	Capital sedia a partir de hoje congresso sobre Aids e DSTs Encontro nacional termina no sábado e deve reunir 4 mil pessoas	
6/08	Saúde	30	A Aids mudou a vida, e eles decidiram agir Jovens relatam em congresso na Capital a	

			descoberta do vírus	
6/08	Geral	27	União produzirá máquinas de preservativos 400 unidades serão distribuídas no país, a maior parte em escolas	
6/08	Página Quatro	05	Pais divergem sobre acesso a camisinhas	
6/08	Página Quatro	05	Na luta contra a Aids, países pregam fidelidade	
7/08	Saúde	28	Contaminação de menina de três anos por HIV em Balneário Camboriú é uma incógnita Investigação do Ministério Público foi arquivada por falta de prova	
7/08	Geral	24	Estado apura origem do HIV em criança	
7/08	Geral	25	Prevenção faz cair número de infecções Relatório divulgado ontem mostra queda em registros da doença no mundo	
7/08	Editoriais	20	A luta contra a Aids	
8/08	Geral	23	Caso de criança com HIV está perto do fim Estado define prazo para laudo	
9/08	Saúde	36	Soropositivo é alvo de estudo da UFSC	
9/08	Saúde	44	Brasil irá produzir genérico contra Aids Produção começará em 2009	
0/08	Saúde	28	Trânsito matará mais que aids no mundo até 2030, projeta OMS Em pouco mais de 20 anos, mortes causadas por acidentes vão aumentar de 1,3 milhão para 2,4 milhões	
1/08	Saúde	33	Paciente tem maior sobrevida Dobram registros de Aids acima de 50 anos	
2/08	Saúde	31	Capital se mobiliza contra a Aids Ato no Ticen no dia mundial de combate à doença	
2/08	Geral	19	Terceira idade é foco da luta contra Aids	Contra

			Em Santa Catarina, 15% dos infectados são idosos	Capa
--	--	--	--	------

ANEXO A - Capa do Jornal Diário Catarinense



DIÁRIO CATARINENSE

ANO 24 - Nº 8.463

SANTA CATARINA, QUINTA-FEIRA, 25 DE JUNHO DE 2009

www.diario.com.br

R\$ 2,00

Como usar a nota do Enem

Ainda há três semanas para se inscrever no exame



Épocas imaginárias

Exposição de Paulo Govêa começa hoje



Da película para o papel

Carlitos ganha adaptação nos quadrinhos



Site especial com tudo sobre o Hang Loose SC Pro



diario.com.br

Tragédia no voo 447

Identificado o corpo da passageira catarinense

Reconhecido pelo próprio pai, o corpo da funcionária pública Deise Possamai, 35 anos, chega ao Estado hoje. O sepultamento está marcado para as 17h na localidade de Rio Cedro Médio, interior de Nova Veneza, Sul do Estado, onde Deise morava com os pais. A família foi avisada da identificação no sábado, mas divulgou só ontem. **Página 26**



IPI REDUZIDO

Governo deve elevar alíquota gradualmente

Página 18

CRACK, NEM PENSAR

Apreensões triplicaram em um ano

Páginas 4 e 5

APOIO HISTÓRICO CONTRA O BRASIL



Com a bênção de Nelson Mandela, a África do Sul encara a Seleção, hoje, pela Copa das Confederações

> Espanha perde depois de 35 jogos e está fora

Esportes: e, no diario.com.br, acompanhe a partida desta tarde no minuto a minuto

ESCÂNDALO NO SENADO

Descobertas duas contas paralelas

Página 6

ASSEMBLEIA

Adicionais de insalubridade serão revistos

Página 8

PEDOFILIA

Testemunhas evitam depor sobre padre

Página 42



FALTAM 2 DIAS



CASANOVA '09

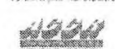
Boutique

Venha conhecer

Apresentação:



Patrocínio:



Apelo:

